

Pedagogia do Movimento Sem Terra Acompanhamento às Escolas



O 4º Congresso Nacional do MST, realizado em agosto de 2005, reafirmou o grande desafio que temos de nos educar para assumir a condição de sujeitos da construção de um projeto popular de Reforma Agrária, de desenvolvimento do campo e de país. Sabemos que nossos objetivos mais amplos se reforçaram: nossa identidade Sem Terra de ser humano que se considera com o direito e o dever de transformar o mundo.

Como membros do MST estamos sendo convocados a fazer de cada prática nos acampamentos e assentamentos uma ferramenta para vencer este desafio. Enquanto o Setor de Educação estamos especialmente preocupados com nossas escolas. Queremos que elas sejam espaços de perspectiva de se tornarem verdadeiros lugares de formação humana.

Apresentação	3
Acompanhamento do MST às escolas de educação fundamental	5
Pedagogia do Movimento Sem Terra	19
MST 15 anos: lições de pedagogia	27
MST: lições de pedagogia (2)	33
MST: lições de pedagogia (3)	43
Projeto Político e Pedagógico das Escolas de Acampamentos e Assentamentos do MST – elementos da construção	49
Ser Educador do Movimento Sem Terra	61
Outras sugestões de leitura	64

que puxa outras. Estamos ajudando a cultivar os valores que sistematizam a luta por reforma agrária e a construção de um projeto popular de desenvolvimento do campo e de país. Estamos ajudando a construir um projeto político e pedagógico que seja capaz de transformar a realidade. Estamos ajudando a construir um projeto político e pedagógico que seja capaz de transformar a realidade. Estamos ajudando a construir um projeto político e pedagógico que seja capaz de transformar a realidade.

Produção: Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST Setor de Educação
Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária - ITERRA

Textos: Roseli Salete Caldart

Desenho de capa: Everaldo de Oliveira, Assentamento 25 de maio, Abelardo Luz/SC
Concurso Nacional O Brasil Que Queremos

Diagramação, capa: Zap Design

Impressão e Acabamento: Gráfica e Editora Peres - Osasco - SP

3ª edição: novembro de 2002

Pedidos:

Secretaria Nacional
Alameda Barão de Limeira, 1232 - Campos Elísios
01202-002 - São Paulo / SP
Fone / fax: 11 3361-3866
Endereço eletrônico: anca@cidadenet.org.br

O 4º Congresso Nacional do MST, realizado em agosto de 2000, reafirmou o grande desafio que temos de nos educar para assumir a condição de sujeitos da construção de um projeto popular de Reforma Agrária, de desenvolvimento do campo e de país. Só atingiremos nossos objetivos mais amplos se reforçarmos nossa identidade Sem Terra e de ser humano que se considera com o *direito e o dever de transformar o mundo*.

Como membros do MST estamos sendo convocados a fazer de cada prática nos acampamentos e assentamentos uma ferramenta para vencer este desafio. Enquanto Setor de Educação estamos especialmente preocupados com nossas escolas. Queremos que avancem na perspectiva de se tornarem verdadeiros lugares de formação humana, de educação da personalidade de novos e antigos militantes das causas do povo. Mas já compreendemos melhor hoje que esta discussão sobre educação não diz respeito apenas à escola e seus educadores; a questão da formação humana é uma questão que se coloca em todas as ações que compõem o cotidiano das famílias Sem Terra. E também já compreendemos que as escolas têm muito a aprender de pedagogia junto ao conjunto de práticas do Movimento.

Precisamos voltar a discutir com todo o povo Sem Terra o *que queremos com as escolas dos assentamentos e acampamentos*, e como as escolas precisam funcionar no dia a dia para realmente contribuir com a nossa luta e se tornar de fato Movimento. Mas agora podemos fazer este debate trazendo junto todas as questões e os desafios que fomos construindo desde que pela primeira vez colocamos esta questão, lá nos fins da década de 80.

Temos avançado na reflexão sobre o que passamos a chamar de *Pedagogia do Movimento Sem Terra* e temos nos desafiado a construir sua implementação em nossas diversas práticas de educação, seja dentro ou fora das escolas formais. O que estamos nos dando conta é de que uma grande questão que precisamos aprofundar em nossos debates, nossas atividades de formação é a seguinte: que ser humano estamos ajudando a formar através de nossas práticas e das escolhas que fazemos no dia a dia de nossas intensas atividades no MST?

Uma questão que puxa outras: Estamos ajudando a cultivar os valores que sustentam a luta e a construção do Projeto Popular? Nossos assentamentos, nossos acampamentos, nossos cursos, nossas escolas, estão sendo lugar de humanização, de politização e de organização das pessoas que ali convivem? Estão sendo lugar de fortalecimento da identidade Sem Terra e da pertença ao MST e à classe trabalhadora? E como o Setor de Educação tem participado desta construção política e pedagógica das escolas do MST? É possível ajudar mais?

Este *Boletim da Educação*, publicação que estamos retomando neste ano de 2001, quer ajudar neste debate sobre o acompanhamento do Setor de Educação do MST às práticas de educação e em especial, às escolas dos assentamentos e acampamentos.

Trazemos aqui um conjunto de textos produzidos nos últimos anos para apoiar as discussões sobre nossa concepção de educação e de escola, e também sobre esta tarefa específica do acompanhamento. O objetivo é provocar uma leitura e releitura coletiva de nossa caminhada prática e de nossa reflexão teórica enquanto Setor de Educação. O que precisamos garantir, afinal, é um salto de qualidade no processo de construção de escolas que tenham o jeito do Movimento e o rosto do povo Sem Terra.

Os textos que compõem este Boletim foram feitos especialmente para estudo e debate dos educadores e das educadoras em suas atividades de formação organizadas pelo MST. Podem ser lidos separadamente, dependendo dos objetivos específicos da discussão que esteja sendo feita em cada local.

Boa leitura, boa reflexão e boa prática a todos e todas.

Coordenação Nacional do Setor de Educação,
Porto Alegre, julho de 2001.

Acompanhamento do MST às Escolas de Educação Fundamental ¹

*"Pedagogia do Movimento, eu acho que é assim:
(quem) entra no Movimento tem que se movimentar.
Porque o Movimento está sempre em movimento."
(Lidiane, educanda do Curso Magistério do MST)*

O acompanhamento como questão: por quê?

O acompanhamento às escolas dos assentamentos e acampamentos é uma tarefa de origem do Setor de Educação do MST. Acompanhamento político e organizativo, e acompanhamento pedagógico para garantir que as escolas não percam o vínculo com o Movimento e realizem um projeto educativo coerente com a realidade dos Sem Terra e com os valores construídos em sua organização.

Mas por que agora o acompanhamento está aparecendo como um 'nó'? O que temos ouvido e dito em nossos encontros, cursos e reuniões, é que passados quase 20 anos de nosso trabalho, o produto não chega a ser satisfatório: ainda são poucas as escolas de assentamentos e acampamentos onde conseguimos perceber a presença do Movimento e de sua pedagogia; onde efetivamente se pode falar de uma escola dos Sem Terra, com sua identidade e projeto; e onde a infância e a juventude Sem Terra estão sendo olhadas e educadas como tal.

E já não nos contentamos mais com a cômoda posição de criticar os professores destas escolas como únicos responsáveis por este avanço menor do que desejamos; estamos preferindo olhar também para nós mesmos, refletir sobre os limites de nossa atuação pedagógica junto às escolas, em especial as de educação fundamental, exatamente porque ali estão, ou não estão, os Sem Terrinha, um dos produtos humanos mais importantes de toda esta nossa luta.

Outro detalhe que merece nossa atenção: o acompanhamento também se tornou questão no interior das nossas escolas, pelo menos daquelas que já foram ocupadas pelo Movimento. No Instituto de Educação Josué de Castro do ITERRA, por exemplo, também estamos dizendo que o grande 'nó' pedagógico está no acompanhamento: acompanhamento aos educandos pelos educadores, tanto os educadores do Instituto como os do MST dos estados.

É bom pensar, pois, que estamos diante de uma questão muito importante, talvez mesmo central dentro da própria concepção de educação que o MST vem construindo e recuperando ao longo de sua história.

¹ Texto elaborado em novembro de 2000, e com ajustes feitos em maio de 2001. Trata-se de uma sistematização das discussões realizadas sobre este tema pelo Coletivo Nacional do Setor de Educação do MST.

O que é acompanhar

Acompanhar quer dizer *ir junto* ou *caminhar junto*. Poderíamos dizer: *estar em movimento junto com alguém*. E se usamos esta palavra em relação às tarefas de educação, estamos nos referindo ao movimento ou ao caminho da formação humana. Acompanhar em educação é estar junto no processo de formação ou de humanização de outras pessoas. E, num significado a mais que o próprio dicionário da língua portuguesa nos traz, podemos dizer que acompanhar é também *participar dos mesmos sentimentos de alguém*. Isto é algo sério, não é mesmo?

Vejamos que este pode ser um significado importante para podermos ir mais a fundo na análise de nossa questão, em cada local em que ela se constitua: acompanhar não é apenas observar o caminhar do outro, o processo de formação do outro; também não é conduzir o outro por um determinado caminho. Se acompanhar é caminhar junto, estar em movimento de formação junto com o outro, há algumas sutilezas e uma complexidade maior nesta tarefa: se como pessoa tenho a tarefa de acompanhar alguém é porque o coletivo considera que já fiz uma caminhada, tenho uma experiência a ser partilhada: sou capaz de pegar o outro pela mão e ajudá-lo a andar. Mas também preciso saber que o caminho que fiz não é necessariamente o mesmo que deve ser feito por quem acompanho. Se for assim estarei sendo autoritário e impedindo que novos caminhos sejam descobertos. Minha postura precisa ser de diálogo para que quem começa a caminhar agora tenha a liberdade de construir um caminho diferente do meu, e com minha ajuda.

Somente em torno desta questão há muito pra conversar, perguntar, desdobrar, o que não poderá ser feito neste texto.

Mas há um outro detalhe importante para nossa atenção aqui: em educação, acompanhamento tem a ver com uma relação pedagógica entre pessoas, seres humanos em diferentes momentos de sua formação.

Acompanhar a quem

Por que então nós falamos em *acompanhamento das escolas* e não das pessoas, ou dos educadores? Será que nossa maior preocupação é a de acompanhar como estão os prédios escolares, os lugares, as condições materiais que estão (ou não estão) em nossas escolas? Não parece ter sido este historicamente o foco de nossas discussões e reflexões. Sabemos que acompanhar a escola significa acompanhar as pessoas que nela estão, ou que com ela se relacionam, ainda que sem descuidar da materialidade necessária para que possam atuar neste espaço. Talvez possamos interpretar que a expressão 'acompanhamento às escolas' foi o jeito que inventamos para dizer de uma vez só duas idéias bem importantes para a concepção de acompanhamento que estamos construindo:

1ª) acompanhar as escolas não significa acompanhar apenas os professores; há pelo menos três sujeitos básicos para acompanhar: os educadores (ou seja, todos que na escola têm tarefas educativas, incluindo os professores), os educandos,

e a comunidade (as famílias Sem Terra do assentamento ou acampamento). É bom lembrar que esta reflexão surgiu pela constatação da mobilidade dos professores da rede pública que trabalham em nossas escolas. Começamos a dizer: os *professores passam, as famílias ficam*. E também depois que nos demos conta da potencialidade pedagógica das mobilizações dos Sem Terrinha;

2ª) em nosso caso, não se trata de acompanhar pessoas individualmente, mas coletividades. A escola como coletividade de sujeitos que através de suas relações fazem acontecer a tarefa de educação. Ou seja, o que precisamos acompanhar, estar junto com, é o movimento através do qual estas coletividades (já constituídas ou apenas em potencial de sê-lo) vêm buscando educar as novas gerações da família Sem Terra.² Não deixamos de estar tratando de e com pessoas, mas em nosso caso, pessoas são mais do que pessoas, individualmente consideradas; pessoas são parte de coletividades, representam projetos coletivos e atuam desde condições materiais objetivas. Isto vale tanto para quem é acompanhado como para quem acompanha: coletivos que acompanham coletivos em condições dadas.

Mas nossas discussões também têm apontado que, embora tratando a escola como coletividade, precisamos de uma reflexão específica sobre como acompanhar pedagogicamente cada um destes sujeitos sociais que a constituem. E constatamos que o nó ainda mais apertado tem sido o do acompanhamento aos educadores, especialmente no que se refere ao caminhar junto com eles na construção de um cotidiano pedagógico que seja coerente com os objetivos do MST e com a Pedagogia do Movimento.

No início do trabalho do Setor isto parecia até mais fácil: os coletivos de educação eram predominantemente coletivos de educadores discutindo as questões de como construir a *escola diferente*. Mas hoje, dada a complexidade do trabalho e a heterogeneidade dos sujeitos que nomeamos educadores e dos tempos e espaços que nomeamos de escola, esta tarefa parece maior do que nós. Por isto talvez seja uma das dimensões do acompanhamento sobre a qual precisamos nos debruçar com especial empenho em nossos Coletivos de Educação.

Acompanhar o quê

No Encontro do Coletivo Nacional do Setor que fizemos em maio de 2000, discutimos durante horas sobre esta questão. Uma das reflexões que fizemos foi sobre o que acompanhar, ou em vista do quê. Em outras palavras, discutimos que não há como acompanhar alguém de modo ativo, sem um projeto, uma referência de qual o caminho que estamos querendo ajudar a construir.

Em nosso caso a chamada geral até que é fácil: queremos garantir a implementação da Pedagogia do Movimento nas escolas. Muito bem! Mas como esta pedagogia vem sendo produzida em torno de valores, princípios, conteúdos humanos, mais do que de conteúdos de ensino ou de didáticas, no momento em que precisamos enxergar a sua tradução, ou mesmo ajudar a traduzir esta peda-

² E educar a família Sem Terra, não podemos esquecer, é prosseguir no processo de humanização que a constituiu como Sem Terra do MST ou, como diria nosso mestre Paulo Freire, é aprender a trabalhar com a tensão permanente entre humanização e desumanização que está presente em sua trajetória. É, além disso, politizar esta tensão de modo a continuar o processo de formação dos *luta-dores do povo*.

gogia nas práticas cotidianas de uma escola, isto já nos parece bem mais complexo: não está dado, precisa ser compreendido, significado, refletido junto com os sujeitos de cada uma destas práticas. Aquilo que parece ser pode não ser; aquilo que não parece ser pode efetivamente já ser. Isto acontece exatamente porque estamos tratando muito mais de apreender e de construir novas relações pedagógicas do que de alterar detalhes nas 'grades' curriculares.

Para tentar facilitar um pouco a nossa tarefa, construímos coletivamente naquele Encontro uma espécie de mapa para nos auxiliar no acompanhamento às escolas. A pergunta que nos fizemos foi a seguinte: que sinais identificam a presença do Movimento e de sua pedagogia em uma escola de educação fundamental de assentamento ou acampamento? E ao buscar identificar estes sinais os projetamos como processos, ou como as dimensões do processo pedagógico que deveríamos acompanhar, ou ajudar a construir nas escolas do MST.

Vamos lembrar alguns destes sinais e processos que discutimos naquela ocasião e também acrescentar mais alguns que o desdobramento daquela mesma reflexão permite.³ Não estamos inventando sinais; na verdade estamos tentando pensar no que vemos ou buscamos ver, quando olhamos para nossas escolas; ou ao contrário, pensar no contraponto do que ainda vemos com muita frequência e não gostaríamos mais de ver. Na prática passam a ser uma espécie de guia do que podemos observar na escola e de como concretamente podemos transformar nossas observações em acompanhamento, ou seja, ajudando a fazer.

1. Presença dos símbolos do MST na escola. É uma das primeiras coisas que observamos ao chegar numa escola de assentamento, especialmente: há uma bandeira do MST tremulando neste espaço? As crianças já sabem cantar nosso hino? Há materiais do MST na escola?

Pensemos como há uma dimensão simbólica forte nisso: a presença da bandeira, do hino, das palavras de ordem, dos materiais do MST numa escola indica que o Movimento está presente aí. Isto quer dizer que basta ter os símbolos do MST para ser uma escola do MST? Não, mas aprendemos que este é um sinal de abertura ao Movimento. E mais do que isso remete a dimensões muito significativas de sua pedagogia: o cultivo da mística, a pedagogia do símbolo, do gesto, o cultivo de nossa identidade coletiva. Estes são processos pedagógicos que nosso acompanhamento precisa potencializar.

2. Nome da escola associado à memória da comunidade e dos lutadores do povo.

Qual o nome desta escola? Como foi escolhido? Quem se envolveu? O que os educadores sabem e pensam sobre este nome? O que os educandos sabem e pensam sobre este nome? O que a comunidade sabe e pensa? E costuma acontecer algum tipo de celebração ou comemoração em relação a este nome? E em relação a outros nomes ou datas ligadas à classe trabalhadora?

³ Foram acrescentados nesta edição do texto também outros sinais indicados nos diversos encontros de educadores e educadoras realizados ao longo do ano de 2000 e início de 2001.

Um nome ligado às raízes do povo geralmente é sinal de presença da comunidade no processo de construção da escola, e de abertura ao vínculo da escola com o que acontece fora dela e com as lutas do povo. Uma dimensão pedagógica a ser trabalhada a partir deste sinal é o processo de significação coletiva deste nome ou, se for o caso, a própria problematização da escolha feita. É preciso provocar a reflexão da comunidade sobre seu envolvimento na escola, estimulando o cultivo da memória de nossa luta e dos nossos antepassados lutadores da causa da justiça e da liberdade, incluindo a celebração de datas ligadas às lutas da classe trabalhadora como parte dos conteúdos de ensino.

3. *Escolas onde há jardim, horta, árvores, parque infantil, e cuidado com a higiene e a alimentação.* Pode ser sinal de que estamos num assentamento, ou mesmo num acampamento, onde as famílias já aprenderam a valorizar o belo, a relação com a natureza, o cuidado com a saúde, o cuidado com a dimensão do lúdico, que são dimensões a potencializar em nossas práticas de acompanhamento, considerando as condições objetivas e a trajetória de cada lugar. O que vemos aqui nesta escola sobre isso? O que podemos ajudar a avançar aqui sobre isso?

4. *Educandos que se chamam de Sem Terrinha.* Este é mais do que um sinal: é quase uma evidência; onde as crianças assumem este nome é porque tem alguém trabalhando com elas sua memória, seus vínculos com o Movimento. Pode não ser algo consciente, pode ficar apenas na palavra, pode também não ser obra da escola, mas pelo menos ela não está trabalhando contra. Em que situação se encontra esta escola sobre isso?

E qual é a dimensão pedagógica a ser potencializada através deste sinal? Uma dimensão fundamental, que toca na raiz do próprio ato de educar, que é a do cultivo da identidade pessoal e coletiva destas crianças e adolescentes: se humanizam mais quando aprendem a ter brio, a gostar do que são, a assumir suas raízes e a se ver no futuro como continuadores da luta de seus pais. E este aprendizado também precisa acontecer na escola. Como fazer este cultivo no dia a dia é uma das questões de discussão a ser feita com o coletivo de educadores.

5. *Educandos com direito à palavra: entre si, com seus educadores.* Diante de tantas escolas em que não se ouve a voz das crianças, este também é um 'bom sinal'. É o que acontece aqui? Há pessoas conversando, perguntando, dizendo o que pensam, convivendo, dialogando, cooperando na construção de seus aprendizados? E o que é preciso fazer para chegarmos a uma verdadeira coletividade do aprendizado?

6. *Professores que planejam seu trabalho.* Parece tão elementar, mas é um sinal muito importante. Sinal de que os professores se preocupam com o que vão fazer, como vão ensinar. E se nesta escola os professores planejam, como isto é

feito? Individualmente ou em equipe? E planejam o quê? Quais as perguntas que costumam se fazer no momento de planejar? Sobre o que discutem principalmente? E sempre foi como é hoje? Já foi diferente?

O processo a ser potencializado é o da reflexão sobre a prática: não fazer do planejamento um ritual mecânico; e também o do planejamento que vá bem além das aulas, ou de como trabalhar com os conteúdos de ensino. O que precisa ser planejado, projetado, refletido é o *ambiente educativo* da escola, que inclui as práticas e as relações sociais que se fazem pedagogia, que se fazem valores, nos diversos tempos e espaços que devem compor cada dia 'letivo'. As perguntas que não devem faltar em nosso planejamento como educadores: como vamos ajudar cada educando a se desenvolver mais como ser humano neste dia, nesta semana, neste mês. que situações de aprendizado, que práticas vamos organizar juntos para garantir isso? que valores precisamos reforçar em nossa coletividade? Como garantir que nosso jeito de fazer a avaliação leve em conta o processo de desenvolvimento humano que temos a tarefa de acompanhar?

7. *Professores que não trabalham sozinhos.* Ou seja, professores que se reúnem para conversar sobre o trabalho, para fazer o planejamento, a avaliação; professores que mesmo sendo um só na sua escola, dão um jeito de buscar apoio na comunidade, e organizam uma equipe para não trabalhar sempre sozinhos. É assim nesta escola? E como acontece no dia a dia o trabalho dos professores? Já não trabalham mais de forma isolada?

Este é um sinal de que estes professores já perceberam que o trabalho educativo precisa de interlocução de pares, que um professor sozinho não consegue avançar e mais facilmente fica desanimado e desiste da tarefa maior, fixando-se em rituais escolares secundários. Práticas de acompanhamento precisam potencializar este sinal na perspectiva da criação de verdadeiros coletivos de educadores, valor e condição de implementação de nossa pedagogia.

8. *Presença da comunidade na escola.* Escola onde as famílias do assentamento ou do acampamento nunca pisam está mais longe da Pedagogia do Movimento; a luta pela terra é feita pelas famílias, a produção nos assentamentos é cada vez mais obra das famílias; a escola também precisa ser vista como parte da comunidade e obra da família Sem Terra. Um sinal é pelo menos os pais atenderem ao chamado dos educadores para as atividades da escola; um sinal mais avançado é quando as famílias freqüentam a escola, também em outros tempos que não o das aulas de seus filhos; também quando as famílias são capazes de falar e opinar sobre a escola mesmo sem ter seus filhos lá. Em que estágio esta escola se encontra?

O processo pedagógico a ser potencializado com o acompanhamento é nada mais nada menos do que a ocupação da escola pelas famílias, num saudável diálogo com os educadores sobre como conduzir o desenvolvimento humano da infância e da adolescência Sem Terra; e também na preocupação com o desenvol-

vimento cultural da comunidade, que inclui o próprio resgate de suas raízes culturais camponesas, para cultivar e revisar hábitos e costumes que constituem seu atual modo de vida.

9. *Educandos em ação, realizando algo mais do que apenas ouvir a professora.* É sinal de que já existe uma intuição sobre a dimensão pedagógica do fazer, da atividade prática, e de que aula não é apenas discurso do professor, ou do livro. Como é o dia de um educando nesta escola? O que ele faz desde que chega até que sai da escola? E há diferenças entre uma série e outra? Entre os educandos de 1^a a 4^a e os de 5^a a 8^a séries? E o que cada educando e educanda pensa sobre isso? E cada educadora e educador?

Diante de tantas escolas em que crianças passam todo o tempo sentadas, com o lápis na mão tentando prestar atenção no que diz ou escreve no quadro a professora, este é um sinal a ser potencializado ao máximo. A meta é chegar a uma escola centrada nas atividades produtivas dos educandos, onde suas obras, de diversas materialidades, sejam o espelho de seu desenvolvimento, e dos próprios valores que expressam e cultivam enquanto *fazem*.

10. *Educandos participando de alguma forma da condução do dia a dia da escola.* Nem que seja ainda apenas cumprindo pequenas tarefas. Pelo menos é um sinal de que a escola não está pensada *para*, mas como sendo também responsabilidade *dos* educandos. Podemos partir daí para avançar na constituição dos coletivos de educandos, na democratização dos processos de gestão da escola. Em que estágio se encontra esta escola? Como acontece a participação dos educandos desta escola no dia a dia? Sempre foi do jeito que é hoje? Como aconteceram as mudanças? Quais os próximos passos?

Precisamos avançar também na reflexão sobre a dimensão pedagógica das relações sociais construídas nestes processos: as pessoas se humanizam mais aceleradamente nesta participação social, exatamente porque é aí que aparecem as contradições, explodem os conflitos, que permitem novos saltos na formação dos valores, da postura, da capacidade de resolver problemas.

11. *Educandos e educadores que gostam de estar na escola.* É sinal de que a escola tem um significado especial em suas vidas. Sem este sentimento fica mais difícil implementar qualquer pedagogia. Nesta escola, qual o sentimento dos educandos: sentem prazer de estar na escola ou prefeririam estar em qualquer outro lugar neste tempo? Por quê? E os educadores: gostam da tarefa de educar ou a sentem como um fardo que são obrigados a carregar? Por quê? E como costuma ser a postura das crianças e adolescentes ou jovens que já estudaram nesta escola e hoje estão em outras escolas? O que fazem, o que dizem, o que pensam, sobre a experiência que tiveram aqui?

12. *Educandos e educadores com livros em suas mãos.* A leitura é um dos grandes aprendizados a serem construídos pela escola. Não apenas a decifração fragmentada e mecânica do código escrito, mas sim a postura de leitura do mundo também através da leitura de livros, bons livros. Que livros os educandos desta escola estão lendo? Que livros já leram? E os educadores: o que estão lendo, o que já leram nos últimos tempos? Como os educadores vêem os livros? Consideram a leitura como uma dimensão importante? E os educandos? E suas famílias?

Encontrar crianças lendo livros é um sinal importante de que há educadores preocupados em ampliar o repertório cultural das crianças e de si próprios. Isto precisa ser reforçado no acompanhamento, inclusive garantindo que a escola tenha acesso a uma boa literatura. Dizia Makarenko que a experimentação estética ajuda a construir orientações éticas, e que a literatura é uma ferramenta privilegiada de educação da identidade. Podemos ajudar bastante nisso.

13. *Professores preocupados com o que ensinar.* É um sinal de que pelo menos já se problematiza a lista oficial dos conteúdos, as famosas "grades curriculares". Aqui, como em vários outros sinais, o processo a ser potencializado exige rupturas bem difíceis com concepções bem enraizadas do que seja ensinar e aprender e do que merece ser aprendido em uma escola. Que tipo de discussão existe nesta escola sobre isso? E que conteúdos costumam ter mais destaque? E quais os conteúdos que costumam atrair mais a atenção dos educandos? Por quê?

Nosso acompanhamento deve ajudar a radicalizar a reflexão sobre pelo menos duas dimensões muito importantes para o Movimento: a escola como lugar de estudo, que é bem mais profundo do que repasse de conteúdos ou de conceitos, e que tem a ver com a inserção crítica e criativa na realidade do mundo em que vivemos, do mundo e da humanidade que precisamos transformar com nosso movimento; e a escola não apenas ou centralmente como lugar de produção de conhecimentos, mas sim de construção de múltiplos e diversificados tipos de aprendizado, todos necessários para um desenvolvimento mais pleno do ser humano e, no nosso caso, para a formação dos continuadores da obra humana do MST. Valores também podem ser aprendidos e ensinados; habilidades, sentimentos, comportamentos, cultura, ainda que com métodos diferentes. A lógica pedagógica da escola não pode ser apenas a lógica do ensino; é preciso pensar no ensino como parte de um processo mais amplo de formação humana, o que implica também em rever os próprios conteúdos de ensino.

14. *A história do assentamento ou do acampamento como matéria de ensino.* Este é um sinal que desdobra o anterior, mas também retorna à questão do cultivo da identidade Sem Terra. Quando numa escola se estuda sobre a história do assentamento, do acampamento, do MST, além de se estar fazendo um outro tipo de escolha sobre o que é importante ensinar e aprender, se está ajudando a

cultivar a memória da família Sem Terra, dimensão sem a qual não se consegue enraizar as novas gerações nesta terra de conquista. Como isto tem sido tratado nesta escola? O que podemos potencializar através de nosso acompanhamento?

15. *Dia a dia da escola com tempo para arte, esportes, passeios.* Encontrar na escola educandos e educadores que têm tempo e espaço para cantar, dançar, desenhar, pintar, fazer teatro, movimentar e exercitar seus corpos. Também para sair da sala de aula e fazer passeios ou visitas, é um sinal de que esta é uma escola onde as 'grades' já começaram a ser rompidas. E nesta escola o que acontece? Há outros tempos educativos além da aula? E as aulas acontecem sempre dentro das quatro paredes? E o que os educadores pensam sobre isso, conversam sobre isso?

O processo a ser potencializado através do acompanhamento é o da construção coletiva de tempos e espaços educativos diversos, capazes de dar conta do desenvolvimento humano mais pleno.

16. *Pessoas que se tratam com respeito, cordialidade, lealdade.* É sinal de que há alguma preocupação com a formação de valores e que as pessoas têm espaços de convívio. E nesta escola, como as pessoas se tratam? Educadores e educandos, educandos entre si, educadores entre si, famílias entre si? Há alguma intencionalidade na formação de valores? Que valores? E como se tenta trabalhá-los?

Precisamos radicalizar em nossas escolas a intencionalidade na formação de valores que humanizam as pessoas e na construção de relações interpessoais saudáveis que ajudam no aprendizado de ser humano.

17. *Sensibilidade para a presença de educandos portadores de necessidades educativas especiais.* Este é um sinal de que já avançamos nas relações humanas a ponto de percebermos e trabalharmos as diferenças que existem entre os seres humanos que compõem a identidade Sem Terra. Nesta escola existem educandos nestas condições? E no assentamento ou acampamento, há crianças, jovens ou adultos que são portadores destas necessidades especiais? Há alguma preocupação específica sobre isso? Como são tratados?

Os processos pedagógicos que precisamos potencializar através de nosso acompanhamento: o aprendizado coletivo do jeito de trabalhar com estas necessidades educativas especiais; também a postura de como trabalhar outros tipos de diferenças, na perspectiva de crescimento humano e aprofundamento da nossa própria identidade.

18. *Movimento: pessoas em movimento, práticas em movimento, escola em movimento.* Sinais diversos de que a escola não está parada, estagnada, sem vida: queremos ver diferenças entre um encontro e outro, uma visita e outra, um curso e outro. A reflexão a ser potencializada é a própria educação do olhar de quem está acompanhando esta escola. O que afinal estamos buscando compreender é o

movimento das pessoas: em que vão mudando como gente, que conteúdos humanos estão vivenciando; e o movimento dos coletivos: amadurecem de um encontro para outro? e até que ponto conseguem acompanhar a dinâmica do Movimento?

Neste sentido é que nosso acompanhamento também precisa deixar claro que não existe um modelo de escola do MST que a gente constrói e depois ele está pronto e é só seguir como está. A escola do MST nunca estará pronta e o seu principal valor pedagógico é seu próprio movimento. Há questões que sempre estarão presentes, porque são aquelas que movem a própria tarefa de educar; mas as respostas e o processo de construí-las serão sempre novos porque o ser humano e a compreensão que vai tendo de si mesmo, também se transforma a cada dia.

Como fazer o acompanhamento

Este foi o ponto principal que aprofundamos no encontro do Coletivo nacional do Setor de Educação de novembro de 2000. Algumas reflexões que começamos nos encontros anteriores foram perguntas que conduziram nosso debate:

1. Ainda não podemos dizer que temos um *método de acompanhamento*. Mas temos diversas *práticas de acompanhamento* que precisam ser sistematizadas para que esta nossa tarefa seja feita de modo mais organizado, continuado, pensado. Precisamos fazer o levantamento das ações do Setor, ou do conjunto do MST em relação aos três sujeitos que mencionamos antes: educandos, educadores, comunidades, e extrair lições desde a concepção de acompanhamento que estamos aprofundando aqui.

Pensar que uma visita feita por um militante do MST a uma escola de assentamento pode ser pensada como prática de acompanhamento; que encontros e cursos também precisam ser pensados dentro de uma estratégia de acompanhamento; que as reuniões dos coletivos de educação também fazem parte disso, que as jornadas e encontros dos Sem Terrinha também. Ou seja, vamos olhar para as diversas atividades em que estamos envolvidos e pensar em como elas têm sido ou podem ser feitas na perspectiva do acompanhamento; como podemos potencializá-las ainda mais do ponto de vista pedagógico de formação dos seus sujeitos específicos.

2. Nos demos conta de que há *níveis de acompanhamento* diferenciados e para os quais precisamos traçar linhas de ação também diferenciadas. Existe o acompanhamento às escolas que pode ser feito pelo MST como um todo: quanto mais a nossa militância compreender a dimensão pedagógica do próprio Movimento mais prestará atenção nas escolas, e mais ajudará no avanço do processo, especialmente na tarefa de politizar o cotidiano escolar, fazendo-nos sempre lembrar dos vínculos maiores de cada prática educativa. Mas existe um tipo de acompanhamento que é específico do Setor de Educação, da sua tarefa pedagógica em relação à coletivida-

de da escola e que historicamente vem sendo constituído de duas dimensões fundamentais: a organizativa, no sentido de que uma primeira tarefa de quem acompanha é a de ajudar a organizar os coletivos de educação, do local ao nacional; a da reflexão pedagógica, no sentido de que acompanhar é educar para a reflexão da prática, chegando nas questões do dia a dia da escola e do processo pedagógico.

Sobre isso temos vivido muitas tensões. Não temos certeza de que é possível combinar nas mesmas pessoas as duas tarefas. E ainda temos alguns mitos sobre quem pode e quem não pode fazer discussões de pedagogia. Um dos objetivos de adotar a expressão *Pedagogia do Movimento* é para que a nova linguagem nos ajude nesta necessária desmistificação.

3. Também temos conversado sobre alguns preconceitos e idealismos que precisamos superar para assumir com mais vigor esta tarefa do acompanhamento. Idealismo é desconsiderar as variáveis que interferem na dinâmica das escolas dos assentamentos, e mesmo dos acampamentos. Fazemos parte de um sistema educacional, com suas relações de poder, sua tradição, sua cultura, seu conservadorismo. Há muitas influências interagindo em nossas comunidades. Há muitos lugares em que nossos professores continuam ameaçados de demissão se aceitarem conversar conosco; há também muito conservadorismo entre as famílias assentadas e acampadas.

Isto não nos deve imobilizar, mas é preciso realizar a tarefa considerando as contradições e, se possível, trabalhando pedagogicamente com elas. Um dos preconceitos é pensar que tratar do cotidiano ou da miudeza pedagógica de uma escola é tarefa política menor e que nos torna militantes menos importantes perante a organização. Precisamos mostrar na prática que não é assim. Outro preconceito é considerar que se não temos grandes cursos escolares de pedagogia não podemos fazer o acompanhamento pedagógico. Precisamos, de fato, estudar muito sobre a complexa tarefa de educar seres humanos, mas isto não é coisa que títulos escolares tragam junto necessariamente.

A partir do debate conseguimos tirar algumas orientações que para o nosso trabalho nos próximos anos:

1. *Priorizar a tarefa de acompanhamento quer dizer organizar uma estratégia para que ela aconteça.* Ter uma intencionalidade específica em relação a isso, combinando diversas ações ao mesmo tempo. Mais do que multiplicar atividades é organizar várias das tarefas que já temos dentro de uma mesma estratégia: impulsionar a presença do Movimento e de sua pedagogia em nossas escolas. E se queremos avançar em nossa organicidade, a tarefa de pensar esta estratégia precisa ser assumida pelos coletivos estaduais e não ser deixada apenas para iniciativas locais.

2. *Faz parte da estratégia de acompanhamento garantir tempos e espaços do*

Setor de Educação para a reflexão sobre as questões do cotidiano da escola, de modo a construirmos coletivamente a compreensão do que seja a identidade política e pedagógica de uma escola do MST. Podemos continuar o exercício aqui iniciado, de apreender os sinais e os processos pedagógicos que projetam a Pedagogia do Movimento.

3. *Acompanhar a construção do projeto pedagógico das escolas*. Este pode ser um objetivo prático de nosso acompanhamento. Acompanhar para ajudar a elaborar ou a implementar este projeto. Ter presente que o nosso grande desafio é combinar o respeito à diversidade de cada local com o reforço dos traços comuns que nos diferenciam como escolas do MST. Ter claro do que não podemos abrir mão e do que é processo, permanente construção com os sujeitos diretos que fazem cada escola. Dar prioridade às questões substantivas e não se perder nas 'picuinhas' ou nas questões demasiadamente 'escolares'. Os sinais que identificamos antes podem ser nossa primeira referência.

4. *Nossa estratégia de acompanhamento não pode ser descolada do Movimento*. Não podemos separar o acompanhamento pedagógico do acompanhamento político. Precisamos compreender a tarefa de acompanhamento como parte da estratégia de trabalho de base para fortalecer a pertença das famílias assentadas e acampadas ao MST. Por isso, estes 'sinais' devem ser de conhecimento não apenas dos membros do Setor de Educação, mas do conjunto da militância do Movimento.

5. *Criar coletivos que acompanham coletivos*. Do mesmo jeito que não acreditamos no acompanhamento a indivíduos, mas sim a coletivo de educadores, de educandos, de famílias, também está claro que não tem como uma pessoa acompanhar uma escola. É preciso pensar em coletivos preparando coletivos para esta tarefa. Coletivo estadual preparando coletivos regionais, que preparam coletivos locais e assim por diante.

6. *Não há como acompanhar o movimento da escola e das pessoas sem também estar em movimento*. Sem estudar, sem refletir, sem se desafiar a realizar práticas concretas de implementação da Pedagogia do Movimento. Isto quer dizer que cada coletivo precisa se educar para fazer o seu próprio auto-acompanhamento.

7. *A postura de quem acompanha não pode ser de fiscal ou supervisor oficial*. Se acompanhar é estar em movimento junto com alguém, é preciso uma postura coerente com a tarefa: combinar humildade com presença ativa; disponibilidade de ajudar a fazer; levar sempre novos materiais e subsídios para o trabalho dos professores; e principalmente: olhar para as pessoas com respeito e na perspectiva

de ajudar a construí-las como sujeitos; buscar compreender quem são estas pessoas (educadores, educandos, famílias), o que fazem, porque fazem as coisas do jeito que fazem, sem julgamentos ou preconceitos, e sem esquecer do projeto de vida humana e social que estamos tentando construir como MST.

8. *Cada coletivo estadual deverá aproveitar seus próximos encontros para discutir esta questão do acompanhamento e fazer um plano de acompanhamento às escolas.* Este plano precisa levar em conta os três sujeitos: educandos, educadores e comunidades; e responder a algumas perguntas básicas: o que, como, quem e quando acompanhar. Também é importante que este estudo seja reproduzido em todos os nossos cursos formais e que os educandos sejam envolvidos em tarefas de acompanhamento, durante seu Tempo Comunidade.

9. *Não há uma receita nem um método pronto válido para todo o país; e também nunca começaremos a agir se esperarmos ter as condições ideais para esta tarefa.* Temos que aprender a fazer fazendo e refletindo seriamente sobre este fazer. Se realmente acreditamos que isto é importante vai acontecer. Assim nos educa o Movimento.

Por que falar em *Pedagogia do Movimento Sem Terra* e não mais em *proposta de educação* ou *proposta pedagógica do MST*? Passamos a fazer isto para reforçar duas idéias muito importantes para nossa ação e reflexão:

- O MST tem uma pedagogia. A pedagogia do MST é o jeito através do qual o Movimento historicamente vem formando o sujeito social de nome *Sem Terra* e que no dia a dia educa as pessoas que dele fazem parte. E o princípio educativo principal desta pedagogia é o próprio *movimento*. É para esta pedagogia, para este movimento pedagógico que precisamos olhar para compreender e fazer avançar nossas experiências de educação e de escola.
- A pedagogia do MST hoje é mais do que uma proposta. É uma prática viva, em movimento. É desta prática que vamos extraindo as lições para as *propostas pedagógicas* de nossas escolas, nossos cursos, e também para refletirmos sobre o que seria uma *proposta* ou um *projeto popular de educação* para o Brasil.

Algumas idéias sobre a *Pedagogia do Movimento* e os desafios que nos coloca para o trabalho com educação e escola no MST hoje.

1. Os sem-terra em luta construíram o MST. O MST, como coletividade de luta em movimento produziu o nome próprio e a identidade Sem Terra.

Ser Sem Terra hoje é bem mais do que ser um trabalhador ou uma trabalhadora que não tem terra, ou mesmo que luta por ela; *Sem Terra é uma identidade historicamente construída*, primeiro como afirmação de uma condição social: *sem-terra*, e aos poucos não mais como uma circunstância de vida a ser superada, mas sim como uma identidade de cultivo: *somos Sem Terra do MST!*

Isto fica ainda mais explícito na construção histórica do nome *crianças Sem Terra* ou *Sem Terrinha*, que não distinguindo filhos e filhas de famílias acampadas ou assentadas, projeta não uma condição, mas um sujeito social, um nome próprio a ser herdado e honrado. Esta identidade fica mais forte à medida que se materializa em um *modo de vida*, ou seja, que se constitui como *cultura*, e que projeta transformações no jeito de ser das pessoas e da sociedade, cultivando valores (humanistas e socialistas) que se contrapõem aos valores (ou anti-valores) que sustentam a sociedade atual.

2. *O MST é o grande educador dos Sem Terra. E o MST educa os Sem Terra inserindo-os no movimento da história. É este movimento que vem fazendo do trabalhador sem (a) terra um lutador do povo.*

Talvez a melhor definição do Sem Terra deste momento histórico seja a se-

¹ Texto elaborado em setembro de 1999. Trata-se de uma síntese elaborada a partir de *Escola e mais do que Escola na Pedagogia do Movimento Sem Terra*, tese de doutorado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 1999.

guinte: *Ser Sem Terra é estar em movimento permanente pela transformação do atual estado de coisas. É a característica própria de um lutador do povo.*

Mas os sem-terra do MST não surgiram com esta identidade. E nem ela estava definida quando o MST foi criado. A história vem desafiando o MST a assumir determinado jeito de fazer a luta e este jeito vai conformando os seus sujeitos. A trajetória de trabalhador sem (a) terra a sujeito de uma organização social de massas que luta pela Reforma Agrária, e de sem-terra a Sem Terra lutador do povo, é uma escolha condicionada pelo momento histórico. Se o MST tivesse existido em outra época, talvez seu jeito fosse diferente.

O MST educa as pessoas que dele fazem parte à medida que as coloca como sujeitos enraizados neste movimento da história e vivendo experiências de formação humana, que são próprias do jeito da organização participar da luta de classes, principal forma em que se apresenta o movimento da história. Mesmo que cada pessoa não saiba disso, cada vez que ela toma parte das ações do MST, fazendo sua tarefa específica, pequena ou grande, ela está ajudando a construir a identidade Sem Terra, a identidade dos lutadores do povo e está se transformando, se reeducando como ser humano.

3. *A relação do MST com a educação é, pois, uma relação de origem: a história do MST é a história de uma grande obra educativa. E quanto mais claro fica o projeto histórico do Movimento, mais importância os Sem Terra passam a dar para a educação.*

Se recuperamos a concepção de educação como *formação humana* é sua prática que encontramos no MST desde que foi criado: a transformação dos 'desgarrados da terra' e dos 'pobres de tudo' em cidadãos, dispostos a lutar por um lugar digno na história. É também educação o que podemos ver em cada uma das ações que constituem o cotidiano de formação da identidade dos sem-terra do MST. *O Movimento é nossa grande escola*, dizem os sem-terra. E, de fato, diante de uma ocupação de terra, de um acampamento, de um assentamento, de uma Marcha, de uma escola conquistada pelo Movimento, é cada vez mais pertinente perguntar: como cada uma destas ações educa os sem-terra? como forma um determinado jeito de *ser humano*? que aprendizados pessoais e coletivos entram em questão em cada uma delas?

A herança que o MST deixará para seus descendentes será bem mais do que a terra que conseguir libertar do latifúndio; será *um jeito de ser humano* e de tomar posição diante das questões de seu tempo; serão os valores que fortalecem e dão identidade aos lutadores do povo, de todos os tempos, todos os lugares. É enquanto produto de uma obra educativa que os Sem Terra podem ser vistos como mais um elo que se forma em uma longa tradição de lutadores sociais que fazem a história da humanidade. Enraizamento no passado e projeto de futuro.

Mas a preocupação consciente dos Sem Terra com educação, e especialmen-

te com o tipo de educação das novas gerações, para que continuem sua luta, seu projeto, somente pode surgir quando se dão conta de que estão construindo uma *organização duradoura* e uma *luta de vida inteira*. Antes disso até lutavam pela escola de seus filhos, mas nem percebiam que isto tinha alguma coisa a ver com suas outras lutas e com o desenlace da história que puseram em movimento.

4. *Na tarefa educativa do MST há pelo menos três grandes desafios que podemos enxergar, com os olhos de hoje:*

- *Ajudar as famílias sem-terra a romper com o processo de desumanização ou de degradação humana a que foram submetidos em sua história de vida.* É isto que o MST faz toda vez que mobiliza e organiza as famílias para lutar pela terra, toda vez que elas conquistam um novo assentamento. Mas isto acaba se constituindo como desafio porque em muitos casos a miséria é tão desumanizadora que as pessoas não conseguem mais 'fazer a volta'. É preciso intencionalidade pedagógica específica da organização em relação a isto.
- *Garantir que estas famílias 'façam a volta' assumindo a identidade Sem Terra, e não a identidade do seu antigo opressor.* Decidir participar do MST não significa 'naturalmente' passar a ter uma consciência ou uma cultura onde predominem os valores e as convicções projetadas pela luta e pelo jeito de ser do Movimento. Menos ainda que isto se transforme em consciência política, capaz de ajudar a dirigir a luta de classes. É preciso que cada Sem Terra, a cada momento, faça e refaça esta escolha, alimentando-a com mística, estudo e reflexão. Se pensarmos bem, este é talvez o maior desafio pedagógico do MST: consolidar em cada família sem-terra, em cada militante da organização, o *modo de vida*, os *valores* que o sustentam como Movimento e como projeto político. A sociedade pressiona nesta perspectiva quando identifica nas ações que se tornam públicas, *isto é coisa de Sem Terra*, ou *isto não é coisa do MST*. Mas a base social do MST está longe de ter consciência do que isto realmente significa. Além disso, não faltam assentados com *jeito de fazendeiro*, nem pais dizendo a seus filhos que agora são 'com-terra'.
- *Trabalhar para que outras categorias sociais assumam os valores e o jeito de ser dos lutadores do povo.* Depois que os Sem Terra descobriram que sozinhos não podem ir muito longe em sua luta, a responsabilidade pedagógica do MST aumentou. É preciso espriar-se como identidade, como *cultura de movimento*, como valores que movem lutadores do povo. E isto é muito mais complexo do que conseguir aliados na defesa da causa da Reforma Agrária. É mais complexo ainda porque *a gente fica responsável pelas pessoas que cativa*. Não dá para pôr o povo na rua e voltar para casa. É preciso refletir muito bem

sobre o desafio pedagógico implícito, por exemplo, na frase: *somos todos Sem Terra!* que começa a aparecer nas camisetas de muitos jovens da cidade.

5. *Olhar-se como sujeito educativo e compreender mais profundamente a pedagogia que vem produzindo em sua história é uma das condições para o MST dar conta destes desafios.*

Não é apenas por si mesmo que o MST precisa dar conta destes desafios. É novamente para ser fiel ao movimento da história que o fez nascer e crescer num tempo histórico de crise social e de degradação humana, que coloca na agenda mundial a possibilidade de transformações profundas no modelo de sociedade, no projeto de humanidade. Se vivemos nesse tempo, nossas ações passam a ter um peso maior porque se juntam com a força de outras ações que definirão os rumos destas mudanças. Pela pressão da história e pelas escolhas que o MST vem fazendo em sua curta trajetória (que parece bem maior exatamente pelo *tempo acelerado* em que acontece), acabou projetando uma identidade coletiva que está tomando posição neste processo.

Então o MST não tem outro jeito senão *radicalizar* (ir à raiz) *sua pedagogia*, para assumir conscientemente o seu destino. E não fará isso sem refletir mais profundamente sobre si mesmo, no conjunto de suas ações e das dimensões que compõem sua organização, desde a perspectiva da formação humana e da produção dos sujeitos sociais da luta de classes.

6. *Alguns processos educativos básicos que formam os sem-terra do MST nos trazem lições pedagógicas importantes nesta perspectiva.*

- O que educa os Sem Terra é o próprio *movimento da luta*, em suas contradições, enfrentamentos, conquistas e derrotas. A pedagogia da luta educa para uma postura diante da vida que é fundamental para a identidade de um lutador do povo: *nada é impossível de mudar* e quanto mais *inconformada* com o atual estado de coisas mais humana é a pessoa. O normal, saudável, é estar em movimento, não parado. Os processos de transformação são os que fazem a história.
- A educação dos sem-terra do MST começa com o seu *enraizamento* em uma coletividade, que não nega o seu passado e projeta um futuro que eles mesmos poderão ajudar a construir. Saber que não está mais *solto no mundo* é a primeira condição da pessoa se abrir para esta nova experiência de vida. Não é este o sentimento que diminui o medo numa ocupação, ou faz enfrentar a fome num acampamento? Por isso, para nós, o coletivo não é um detalhe, é o fundamento de nossa pedagogia.
- Este enraizamento precisa também ser simbólico: é a *mística* que funciona como *ritual de acolhida* à nova família; e precisa também ir se

aprofundando cada vez mais: é a *pedagogia da história* que por sua vez enraíza a coletividade dos Sem Terra em uma coletividade maior, que é a dos lutadores do povo, também de outros tempos, outros lugares: *quando descobri que não éramos os primeiros a lutar pela terra, algo mudou em mim*, disse certa vez uma Sem Terra.

- A vivência cotidiana de *novas relações sociais e interpessoais* é que consegue começar a mudar a cabeça e o coração das pessoas, recuperando certos valores que já tinham perdido ou nem conheciam. É neste sentido que se diz que o acampamento é uma grande escola de vida. E o peso formador destas relações será tanto maior se delas depender a própria sobrevivência das pessoas. Isto quer dizer tanto as relações entre companheiros diante de uma ação de despejo, como as relações que se constroem no trabalho, ou no jeito de fazer um assentamento dar certo. Em nossa pedagogia, pois, *o trabalho*, a divisão de tarefas, a organização das pessoas para garantir determinada ação não são apenas uma necessidade a ser suprida; são uma *ferramenta pedagógica no cultivo de valores*, exatamente aqueles que serão capazes de nos fazer continuar *em movimento*.

- As pessoas não aprendem todas do mesmo jeito. Até porque elas só aprendem aquilo que sabem que precisam aprender e não se pode impor a outra pessoa a consciência da necessidade de aprender. Apenas pressionar as circunstâncias que a gerem. Cada sem-terra aprende a ser Sem Terra do seu jeito e no seu ritmo, empurrado pelas situações cotidianas que o levam a isto. O movimento da luta está cheio delas; não é preciso nem inventar muito. Mas se é verdade que muitas coisas os sem-terra aprendem *na marra*, pressionados pelas exigências do dia a dia, também é verdade que não chegarão muito longe sem refletir sobre este processo. As ações podem virar rotina e já não ser desafio de aprendizado. Chega o momento em que é preciso se dar conta do que está em jogo para escolher ficar no jogo. A *reflexão sobre a ação* também é um processo pedagógico básico, e sem ela o MST não teria dado os saltos históricos em sua identidade e projeto. Sem olhar-se permanentemente sobre si mesma, uma coletividade não se sustenta.

No MST, o processo da *crítica e autocrítica* tem a ver com isto.

7. A Pedagogia do Movimento não cabe na escola, mas a escola cabe na Pedagogia do Movimento. E cabe ainda mais quando se deixa ocupar por ela.

Do processo histórico da formação dos Sem Terra podemos extrair as matrizes pedagógicas básicas para construir uma escola preocupada com a formação humana e com o movimento da história. Mas é bom ter presente que a pedagogia que forma novos sujeitos sociais e que educa seres humanos, não cabe numa escola. Ela é muito maior e envolve a vida como um todo. Certos processos

educativos que sustentam a identidade Sem Terra jamais poderão ser realizados dentro de uma escola. Mas o MST também vem demonstrando em sua trajetória que a escola pode fazer parte de seu movimento pedagógico e que precisa dela para dar conta de seus desafios como sujeito educativo.

Quando a escola se mistura com a dinâmica da luta pela terra, ela se transforma e, ao mesmo tempo, ajuda os Sem Terra a transformar o olhar que têm sobre si mesmos, sobre o MST, prestando atenção para novas dimensões de sua identidade. Assim; a escola ajuda os Sem Terra a perceber a importância do estudo e os Sem Terra ajudam a escola a perceber que estudar é algo bem mais profundo do que estar na escola recebendo conteúdos sem muito sentido; a escola ajuda o MST a prestar mais atenção à infância Sem Terra e o MST pressiona a escola a respeitar os Sem Terrinha como sujeitos, com características, necessidades e experiências pedagógicas diferentes de outros educandos, e que devem ser consideradas; a escola ajuda o MST a olhar para a educação e o Movimento ajuda a escola a repensar sua concepção de educação.

O encontro entre Movimento e Escola já faz parte da identidade do MST e se constitui como uma das dimensões importantes da Pedagogia do Movimento. Assentamento e acampamento sem escola, *não é coisa do MST*; e *ser Movimento*, já é *coisa de escola* em muitos acampamentos e assentamentos.

8. *A escola que cabe na pedagogia do MST é aquela que não cabe nela mesma, exatamente porque assume o vínculo com o movimento educativo da vida, em movimento.*

Não se trata de imaginar, pois, que exista um modelo de escola próprio para os Sem Terra ou feito pelo MST. Quando falamos numa *escola do MST* não falamos numa escola com um modelo pedagógico fechado (por mais 'revolucionário' que se pretenda), um método de ensino específico, uma estrutura fixa de organização; falamos bem mais de um *jeito de ser escola*, uma postura diante da tarefa de educar, um processo pedagógico onde todos realmente têm o que aprender e o que ensinar, sempre, e o tempo todo. Uma escola do MST, se honrar este nome, tem que ser uma *escola em movimento*, movimento próprio da formação humana, e próprio dos sujeitos sociais e humanos que a fazem.

Isto quer dizer então que o MST não tem uma proposta de escola? Tem sim, mas não como modelo fixo, receita para qualquer momento e lugar, e sim como *princípios pedagógicos* que vão sendo produzidos pela história do Movimento como um todo, e que por isto não estão dados de uma vez para sempre, mas ao contrário vão se transformando como se transforma a dinâmica da luta.

A grande tarefa de educadoras e educadores Sem Terra que querem ajudar a construir escolas do MST é se assumirem como sujeitos de uma reflexão permanente sobre as práticas do MST, extraíndo delas as lições de pedagogia que permitem fazer (e transformar) em cada escola, e do seu jeito, o *ambiente educativo*, que reproduz e produz o Movimento como sujeito educador, ou o movimento

pedagógico que está no processo de formação da identidade dos sujeitos Sem Terra.

Nesta perspectiva, os coletivos de educadores deveriam discutir e estudar questões como essas: se os sem-terra se educam no movimento da luta, como a luta deve estar presente no ambiente educativo de nossa escola? que ações são capazes de cultivar os *valores* e a postura de ser humano aprendida (mas nem sempre consolidada) na luta? como uma escola pode ajudar a *enraizar* seus educandos? como organizar a *coletividade* escolar para que ela permita a vivência de *relações sociais* mais educativas? o que a escola pode fazer para ajudar as novas gerações no cultivo de sua *memória*? como educar as crianças e os jovens numa postura de respeito e *cuidado* pela *terra* conquistada? como a escola pode educar para um trabalho que humanize as pessoas? e como pode ajudar a cultivar a identidade de Sem Terrinha?

Em síntese: a escola que cabe na Pedagogia do Movimento é aquela que se movimenta em torno de duas referências básicas: *ser um lugar de formação humana*, no sentido mais universal desta tarefa *olhar para o Movimento como sujeito educativo* que precisa da escola para ajudar no cultivo da identidade Sem Terra, e na continuidade de seu projeto histórico. Se assim for, cada uma das pequenas coisas que acontecem no dia a dia da escola passarão a ter um outro sentido, não porque sejam coisas que nunca antes aconteciam na escola, (em alguns casos também isto), mas porque olhadas e feitas desde uma outra intencionalidade.

9. O esforço de compreender e implementar a pedagogia do MST nos remete às questões de origem da própria reflexão pedagógica: como se forma um ser humano? que estratégias pedagógicas ajudam a educar as pessoas para que cresçam em sua humanidade? E que valores sustentam nossa prática e nos movem como educadores?

O movimento da história exigiu e o MST vem desenvolvendo uma prática de educação que não tem a ver somente com os Sem Terra. Desde sua identidade o Movimento acabou se inserindo na reflexão sobre questões que são universais, traduzidas em perguntas próprias do tempo histórico em que estamos. Se é assim, os Sem Terra e o MST precisam participar intencionalmente dos debates pedagógicos da sociedade como um todo, de modo a ajudar na focalização das questões que efetivamente importam para o projeto de futuro da humanidade e para a maioria das pessoas de sociedades tão injustamente desiguais como a nossa.

Nesta participação o que se espera é uma postura própria de quem se sabe parte da história: a *humildade* de quem já se deu conta de que sozinho não é nada, e que participar do diálogo mais amplo permite olhar para si mesmo de um outro jeito, em perspectiva, e que isto é muito importante para superar os seus próprios desafios educativos e a *altivez* de quem também já se deu conta de que tem uma experiência de formação humana que merece respeito, e que integra o movimento pedagógico da atualidade. A participação do MST na arti-

O MST completou 15 anos em 1999, descobrindo que tem, afinal, duas grandes tarefas na história: ajudar a acabar com o 'pecado mortal' do latifúndio, desconcentrando e tornando socialmente produtivas as terras deste país imenso; ajudar a humanizar as pessoas, formando seres humanos com dignidade, identidade e projeto de futuro. E talvez esta segunda seja a tarefa que melhor vem cumprindo desde que começou a ser gestado.

A obra educativa do MST diz respeito principalmente:

- ao resgate ou à restituição da dignidade a milhares de famílias que voltam a ter raiz e projeto. Os pobres de tudo, aos poucos vão se tornando cidadãos: sujeitos de direitos, sujeitos que trabalham, produzem e participam de suas comunidades, afirmando em seus desafios cotidianos uma nova agenda de discussões para o país;
- à construção de uma identidade coletiva, que vai além de cada pessoa, família, assentamento. A identidade de Sem Terra como nome próprio de *lutadores do povo*, não mais sujeitos a uma condição de falta: não ter terra, mas sim sujeitos de uma escolha: a de lutar por mais justiça social e dignidade para todos em um movimento bem maior do que o MST; um movimento da história, e que diz respeito aos destinos da humanidade inteira.

Olhando para a história do MST nesta perspectiva, nos encontramos com algumas *lições de pedagogia*, ou de como os sujeitos de uma luta social e de uma coletividade em movimento se ocupam e se preocupam com educação. Pensando bem, estas lições podem nos ajudar a refletir também sobre as nossas práticas de educação nas escolas. Aliás, nos permitem pensar como a escola entra neste Movimento e como pode ajudar a cultivar o ser humano que dele se produz.

Algumas destas lições de pedagogia da história do MST para nossa reflexão:

1. *Os Sem Terra se educam sendo do MST*, o que quer dizer, através de algumas vivências humanas fundamentais, cada uma carregada de aprendizados, conflitos e desafios:

- a luta, suas formas e trajetória histórica;
- a organização coletiva, seu jeito e sua mística;
- o trabalho, sua reconquista e as novas relações de produção;
- o reencontro com a terra, terra de trabalho, de luta, de raiz e sentimento;
- a vida em movimento, raiz e projeto, historicidade.

2. *O que move as pessoas é a necessidade. O que mantém as pessoas em movimento são objetivos, princípios e principalmente, valores.*

¹ Texto elaborado para diálogo com os participantes do II Encontro de Educadoras e Educadores do Ensino Fundamental – I ENEFA, realizado em Esteio, RS, pelo MST e pela Secretaria de Estado da Educação do RS, de 20 a 24 de setembro de 1999.

Que alimentam e se cultivam em cada ação e são básicos em qualquer processo educativo. Os sem-terra entraram na luta movidos pela necessidade de sobreviver sem virar 'marginal'. Depois que passam a ter esta necessidade minimamente atendida podem se acomodar ou passar a lutar só por questões corporativas. Serão diferentes se a pedagogia do movimento for capaz de transformar estas suas vivências educativas em *valores*, e em um *modo de vida*, produzido e reproduzido (recriado) em cada grupo, de geração em geração.

3. *As crianças e os jovens dos assentamentos já vivem ou até nascem como herdeiros das conquistas de dignidade.*

Mas não conseguirão manter e reproduzir estas conquistas, e nem tão pouco honrarão o nome próprio Sem Terra se não herdarem também a identidade coletiva construída no processo de luta: os valores e princípios dos lutadores do povo. Só que valores e princípios não se herdam sem cultivo consciente, sem intencionalidade pedagógica de quem os produz ou de quem os escolhe herdar.

4. *Há uma grande responsabilidade que pesa nos ombros de quem trabalha com a infância e juventude dos acampamentos e assentamentos dos Sem Terra:*

A responsabilidade pelo cultivo desta identidade, ajudando para que os aprendizados e os valores produzidos na luta não se percam, não se desviem, não se degradem. E trabalhar com a infância quer dizer trabalhar também com os adultos. Esta é uma herança que não se passa se não se sabe que se tem. Há muitos assentados que não se identificam mais como Sem Terra. Há muitas crianças assentadas que não conhecem ou já começaram a esquecer sua própria história. Por outro lado, na sociedade há muitas pessoas que mesmo sem ter uma ligação direta com a terra se identificam com o MST. Isto nos deve fazer refletir e agir, como educadores responsáveis por esta nova geração.

5. *E por que é importante que crianças e jovens herdem a identidade Sem Terra?*

Para que o MST não acabe? Também, pelo menos até que seus objetivos não sejam atingidos. Mas, principalmente, porque neste nosso tempo de caos social e de degradação humana, os Sem Terra projetam um *jeito de ser humano que questiona o que está aí*, projeta uma *postura não conformista diante do mundo*, e *valores humanos* que sustentam uma luta permanente pela vida, não de alguns, mas de todos. Quando uma criança diz com honra: sou Sem Terra ou, *sou Sem Terrinha do MST*, mais possibilidades temos de estar produzindo um novo elo na corrente da tradição da história dos lutadores do povo. Quando crescer, esta criança poderá não ser do MST, ou mesmo poderá escolher não trabalhar ou não viver em um assentamento. Mas se for 'bem educada' certamente não escolherá deixar de lado os valores humanos que aprendeu participando desta história.

6. *As pessoas se educam muito mais pelas ações do que pelas palavras.*

O MST forma os Sem Terra colocando-os em ação permanente, incluindo nesta ação também o refletir sobre ela. É pela ação que os Sem Terra vão aprendendo que *nada é impossível de mudar*, nem mesmo as pessoas, seu jeito, sua postura, seu modo de vida, seus valores.

7. Ser Movimento é estar em movimento!

No Movimento as pessoas aprendem que o mundo e o ser humano *estão para ser feitos* e que o movimento da realidade, constituído basicamente de relações que precisam ser compreendidas, produzidas ou transformadas, deve ser o grande mestre deste fazer. Esta é uma lição que precisa ser cultivada, em todos os tempos e espaços onde esteja a família Sem Terra.

8. Não há como se manter como um lutador do povo sem uma perspectiva histórica.

E isto exige duas dimensões de formação muito importantes. A primeira, que geralmente os Sem Terra começam a aprender no acampamento, é de que sua vida também é história, e que já estão sendo sujeitos da história. A segunda, de aprendizado mais complexo e demorado, é passar a olhar para a realidade com uma perspectiva histórica. Enxergar cada ação ou situação em um movimento entre passado, presente e futuro, e compreendê-las em suas relações com outras ações, outras situações, uma totalidade maior. É este olhar que nos ajuda a valorizar e ao mesmo tempo relativizar cada derrota ou cada vitória, mantendo o horizonte utópico como referência para continuar lutando. Cultivar a memória da luta e conhecer mais profundamente a história da humanidade são aspectos fundamentais do que pode ser chamado mesmo de uma *pedagogia da história*.

9. A mística é a alma dos lutadores do povo.

Ela é a força, a energia cotidiana, que tem animado a família Sem Terra a continuar na luta, ajudando cada pessoa a enxergar e a manter a utopia coletiva. A mística é aquele sentimento materializado em símbolos, que nos faz sentir que não estamos sozinhos e são os laços que nos unem a outros lutadores que nos dão mais força para prosseguir na construção de um projeto coletivo. No MST a mística tem uma dimensão educativa muito importante: para os militantes mais antigos, ajuda a cultivar os valores e a memória simbólica que os mantêm a caminho; para as novas gerações ou para cada sem-terra que entra no Movimento, ajuda na disposição pessoal de entrar no processo e a vivenciar as ações de forma mais humana e plena, sendo uma espécie de *ritual de acolhida*, que faz as pessoas se sentirem parte do Movimento mesmo antes de conhecer toda a sua dinâmica. Cultivar a mística é parte fundamental do que entendemos por formação humana.

10. Vemos o mundo de acordo com o chão em que pisamos.

Um sem-terra que fique sempre fincado em seu lote terá uma visão de mun-

do do tamanho deste lote e certamente será uma visão com cercas ainda não derrubadas em sua cabeça. Este assentado não continuará sendo um Sem Terra, porque esta identidade implica em movimento, em visão de mundo que seja de mundo mesmo, num processo permanente de derrubar cercas, de todos os tipos. Não é a mesma coisa que se pode dizer de um professor que nunca sai dos limites de sua escola? Sua visão de mundo terá paredes, as mesmas que certamente ainda não derrubou de sua concepção de escola, ainda que dê aulas debaixo de uma árvore.

11. Quanto mais o MST compreende o tamanho e a complexidade da luta em que entrou, mais acredita na importância da formação humana.

Mais se dá conta das diversas dimensões que isto implica mais valoriza a escola como um lugar onde esta formação também pode acontecer e as educadoras, como personagens que podem fazer muita diferença no desenlace de sua história. A luta pelo direito à escola começou praticamente junto com a luta pela terra no MST. Mas no começo não se tinha muito claro o que uma coisa poderia ter a ver com a outra. No começo, estudar era visto como um direito. Hoje é visto como um direito e um dever. Sem Terra que não estuda, seja na escola ou em outro lugar, está prestes a perder o maiúsculo do seu nome. E escola onde não se estude também não pode ser considerada uma escola do MST. Só que *estudar* também passou a ter um sentido cada vez mais amplo, já distante daquilo que se passa em muitas escolas que conhecemos.

12. A pedagogia do movimento não cabe na escola, porque o movimento da formação humana não cabe na escola, mas a escola cabe na pedagogia do movimento.

E cabe ainda mais quando se dispõe a retomar algumas de suas tarefas de origem e que tem a ver com o cuidado pedagógico das novas gerações, de modo que elas se desenvolvam como seres humanos mais plenos, mais felizes. Há algum tempo a escola deixou de se ver como lugar de formação humana. Não é sobre isso que a maioria dos professores têm discutido. Se a escola voltar a se preocupar com a formação humana, passará a prestar mais atenção nos sujeitos que a ocupam e dialogando com eles se dará conta de como pode ajudá-los como pessoas, como sujeitos sociais. Também se dará conta do que precisa alterar em sua lógica para que personagens como os Sem Terra sintam a escola como sua 'casa', seu lugar de educação.

13. A escola que ajuda mais na tarefa de formação dos Sem Terra é a que se abre ao movimento como sujeito educativo.

Que sai de si mesma como instituição fechada sobre sua própria lógica e vai ao encontro das vivências educativas que acontecem fora dela, dialogando com os seus sujeitos, aprendendo e ensinando junto com eles. Em outras palavras,

trata-se de uma escola que aceita entrar no processo e ajuda a fazer a leitura das questões que ele vai colocando em seu movimento. Às vezes serão os Sem Terra a 'puxar' a escola; às vezes será a escola a 'puxar' os Sem Terra. Sem idealismos, purismos, fantasias, mas com compromissos humanos comuns.

14. O que o MST espera das escolas é que ajudem especialmente no cuidado pedagógico da infância Sem Terra.

As crianças nos lembram de que estamos falando de um movimento que pode ser duradouro, *de vida inteira*. Cuidar de alguma coisa *implica em ter intimidade, sentir de dentro, acolher respeitar, dar aconchego, afinar-se com ela*. É preciso cuidar da identidade da infância Sem Terra respeitando a Pedagogia do Movimento e as características e necessidades próprias deste tempo de vida, garantindo uma convivência educativa com os seus iguais. As crianças deram seu próprio recado quando inventaram o nome Sem Terrinha: *queremos ser Sem Terra sem deixar de ser crianças; mas não somos quaisquer crianças, somos Sem Terrinha, sim senhor, Sem Terrinha, com amor. Assim é que vocês nos devem cuidar*.

15. A escola não pode deixar de ter uma intencionalidade específica na formação de valores.

Valores que se contraponham à degradação humana que predomina em nossa sociedade. No caso das escolas onde estão os Sem Terra, são especialmente os valores dos lutadores do povo os que podem ser reforçados. Valores como: esperança, solidariedade, confiança em si e nos outros, sensibilidade humana, indignação diante das injustiças, capacidade de sonhar, coerência, alegria de viver e de lutar pela vida, companheirismo, compromisso com as causas do povo.

Para pôr em prática a pedagogia e a proposta de escola que estamos discutindo é preciso, mais do que tudo, de uma *postura pedagógica de fundo*, um *jeito de ser educador*, que compartilhe com os valores produzidos nesta história de formação humana que é a história dos Sem Terra, e que se abra ao *movimento* como *princípio educativo*, também de si mesmo. Que cuide e se deixe cuidar pelo Movimento, ajudando a fazer da *pedagogia de quem ocupa a terra*, uma arte de *lavar a vida e produzir gente*.

Este texto retoma e continua as reflexões do anterior *MST 15 anos – Lições de Pedagogia*. Foi escrito com o objetivo específico de dialogar com educadores do Movimento, em especial com aqueles e aquelas que hoje têm a tarefa da Educação de Jovens e Adultos, a EJA. As 15 lições apontadas naquele texto, escrito em setembro de 1999, também podem ser chamadas para este mesmo diálogo.

A mensagem principal de ambos os textos é: O MST tem uma pedagogia, quer dizer, tem uma *práxis* (prática e teoria combinadas) de como se educam as pessoas, de como se faz a formação humana. A *Pedagogia do Movimento Sem Terra* é o jeito através do qual o Movimento vem, historicamente, formando o sujeito social de nome *Sem Terra* e educando no dia a dia as pessoas que dele fazem parte.

E o princípio educativo principal desta pedagogia é o próprio *movimento*, que junta diversas pedagogias e, de modo especial, junta a *pedagogia da luta social* com a *pedagogia da terra* e a *pedagogia da história*, cada uma ajudando a produzir traços em nossa identidade, mística, projeto. *Sem Terra* é nome de lutador do povo que tem raízes na terra, terra de conquista, de cultivo, de afeto, e no movimento da história. ²

Nós que temos a educação como tarefa principal dentro do MST precisamos fazer da Pedagogia do Movimento uma referência de nossa prática e de nossa reflexão. Ser educador é conseguir apreender a dimensão educativa das ações do Movimento, fazendo delas um espelho para nossas práticas de educação. Sempre que tivermos dúvidas, sobre nosso fazer, podemos olhar para o nosso educador maior, e que existe através de nós, de nossas práticas: o Movimento.

O Movimento é uma referência de olhar que nos ajuda a enxergar os limites e desafios de nossa prática de educador. Um espelho que também educa o nosso olhar para ver mais do que o MST, mais do que os Sem Terra. A Pedagogia do Movimento se produz no diálogo com outros educadores, outros educandos, outras práticas e outros movimentos pedagógicos.

É também nossa tarefa, como educadores, ajudar o conjunto do MST a se olhar desde esta perspectiva, reconhecendo-se como *sujeito pedagógico*, educador, e reafirmando a cada ação seu compromisso com o ser humano, com a formação humana.

Este texto convida os educadores a este exercício de reflexão: aprender do Movimento algumas *lições de pedagogia*, e pensar nas implicações e ou questões que cada lição traz para nossas práticas de educadores e educadoras de jovens e adultos. Algumas destas lições de pedagogia podem ser ditas assim:

1. *As pessoas são o maior valor produzido e cultivado pelo MST.*

O Movimento é do jeito que coletivamente as pessoas vêm produzindo a

¹ Texto elaborado para diálogo com os participantes do I Encontro de Educadores e Educadoras de Jovens e Adultos da Região Sul – I ENEJA Sul, realizado em Itaára, RS, de 4 a 8 de junho de 2000, pelo MST e a Secretaria de Estado da Educação do RS.

² Para aprofundamento deste movimento das pedagogias e a concepção de educação que ele produz, ver *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Petrópolis: Vozes, 2000.

identidade Sem Terra, fazendo a luta pela Reforma Agrária que enraíza e fortalece esta identidade. Em momentos de conflitos mais acirrados, como o que vivemos hoje, isto fica ainda mais visível: é das pessoas, de cada uma delas, que depende a resistência, a firmeza nos propósitos, a conduta que fica como imagem diante da sociedade, a continuidade nos embates mais fortes, a identidade. O MST conseguiu chegar aos 16 anos porque aprendeu a valorizar cada pessoa que integra sua organização e definiu a formação humana como uma de suas grandes prioridades.

Como educadores, precisamos ter bem presente o que está em questão cada vez que nos encontramos com nossos educandos: estamos diante de seres humanos que merecem nosso respeito e dedicação, como seres humanos e como sujeitos de uma organização que luta por dignidade; nosso trabalho faz parte de uma obra educativa grandiosa, o que nos responsabiliza e compromete. Precisamos refletir sempre sobre algumas perguntas básicas: que ser humano estamos ajudando a formar através de nossa prática? há coerência com a humanidade que a luta do MST vem produzindo e projetando ao longo de sua história? E nossos educandos: que ser humano enxergam quando olham para si mesmos e para seus companheiros do assentamento, do acampamento? Nossos encontros têm ajudado de alguma forma para que se valorizem como pessoas e assumam a identidade coletiva que ajudam a produzir na luta?

2. *Compreender quem são os Sem Terra: identidade coletiva e pessoas concretas.*

Sem Terra é hoje um nome próprio, uma identidade; referência política e cultural construída na história da luta pela terra e do MST. Quem se chama Sem Terra não é apenas uma pessoa, é um sujeito coletivo que encarna as características da organização e de seu projeto. Mas os Sem Terra também são pessoas, seres reais, contraditórios, imprevisíveis, com inseguranças e arrogâncias, com valores e contravalores, com saberes e ignorâncias, com acertos e erros; têm raízes mais fortes ou mais frágeis no jeito de trabalhar, de viver, do camponês; têm níveis diferentes de compromisso e de vivência da identidade coletiva que ajudam a construir; por vezes também apresentam traços fortes de desumanização provocados pela miséria e brutalidade do sistema social, que por pouco não acabou com suas vidas.

E os Sem Terra também são homens ou mulheres, adultos, jovens ou crianças, negros, brancos ou de outra cor, têm preferências sexuais diferentes, se expressam em linguagens diversas, têm mais ou menos saúde, aprendem e ensinam coisas diferentes a partir de experiências de vida diferentes, de culturas diferentes, de geografias e histórias diferentes. Os Sem Terra tiveram a sabedoria de fazer uma organização onde a unidade se constrói respeitando as diferenças e compreendendo o movimento de formação das pessoas, que costuma ser descontínuo, contraditório: em zigue-zague mais do que em linha reta. É por isto que o MST

vem conseguindo se manter como organização de caráter nacional e massivo, e com uma identidade forte e nem sempre tão simples de ser compreendida. A gente pode ser e não ser Sem Terra ao mesmo tempo; afirmar e trair a pedagogia que nos forma.

Como educadores, precisamos educar nosso olhar para que ele veja todas estas dimensões ao mesmo tempo e em movimento. Nossa intencionalidade educativa se constrói desde a realidade concreta dos sujeitos com quem trabalhamos. Sem idealismos nem preconceitos. É assim que o MST tem buscado olhar para as pessoas que o integram. Por isto já conseguiu completar 16 anos. Mas só conseguiremos ajudar a dobrar esta idade se assumirmos juntos o desafio de buscar mais coerência entre nossa vida cotidiana e a identidade coletiva que projetamos: isto tem a ver com o tipo de comunidade em que transformaremos nossos assentamentos, com os militantes que seremos, com a organicidade e relações sociais, que continuaremos a construir para nossa luta maior.

Precisamos nos perguntar: quem são os nossos educandos? Quem são estes Sem Terra que estão aqui nesta turma? E se trabalhamos com jovens e adultos, esta resposta tem uma densidade ainda maior. Como educar pessoas com uma trajetória de vida mais longa do que a nossa própria, sem levar em conta os aprendizados que sua história já produziu, ou os traços que ela já definiu, enraizou? A nossa principal matéria de estudos não deve ser exatamente as práticas sociais de nossos educandos? Não é para elas que também precisam se educar a olhar, equilibrando altivez e humildade? Não são estas práticas, suas vivências, que precisam aprender a ler, contar e, quem sabe, reescrever?

E nós, educadores, que Sem Terra somos? Nosso modo de vida e nossa forma de trabalhar com educação têm sido coerentes com o Movimento que nos fez educadores? Como nos deixamos educar pelo povo que educamos?

3. *Os valores libertam.*

Valores são princípios de vida, aquilo pelo qual consideramos que *vale* viver. São valores que movem nossas práticas, nossa vida, nosso ser humano. São valores que produzem nas pessoas a necessidade de viver pela causa da liberdade e da justiça. São valores que movem o empenho de fazer de nossos assentamentos comunidades de utopia, coerentes com a luta que os conquistou.

O MST tem se preocupado muito com o cultivo de valores. Porque sabe que são os valores, traduzidos em cultura, o que deixará como herança a seus descendentes e às novas gerações de lutadores do povo. E valores somente existem através das pessoas, suas vivências, postura, convicções. E eles não nascem com cada um; são aprendidos, cultivados através de processos coletivos de formação, de educação.

Para o MST esta não tem sido uma batalha fácil: cultivar e recuperar valores humanos como a solidariedade, a lealdade, o espírito de sacrifício pelo bem estar do coletivo, o companheirismo, a sobriedade, a disciplina, a indignação diante das

injustiças, a valorização da própria identidade Sem Terra, a humildade, numa sociedade que dia a dia se degenera nos contravalores do individualismo, do consumismo, da apatia social, do descompromisso com a vida, da desqualificação de quem participa de lutas sociais. Mas é somente assumindo a tarefa de educar e reeducar as pessoas em seus valores que o MST pode realizar o que projeta em sua história. *Viver como se luta, e lutar como se vive*. Materializar a identidade Sem Terra em um *modo de vida* que a enraíze, fortaleça e amplie como identidade de ser humano que luta pela humanidade.

Para os educadores estas são perguntas que desdobram aquela primeira sobre que ser humano estamos ajudando a formar: que valores (e contravalores) percebemos em nossos educandos Sem Terra? que valores movem nossa prática de educador? que valores estamos ajudando a cultivar através das práticas que compõem o nosso ambiente educativo e das escolhas que fazemos a cada dia de encontro com nossos educandos? Que revisões precisamos fazer em nossa prática e que novas situações podemos organizar para ajudar na tarefa educativa do MST? Tenhamos presente: se não tivermos uma intencionalidade pedagógica no campo dos valores, são os contravalores que dominam nossa sociedade. Estaremos, até sem saber, ajudando a reforçá-los em nossos educandos, sejam eles crianças, jovens ou adultos.

4. *Sem estudo não vamos a lugar algum.*

Estudar para o Movimento é fazer o esforço de compreender profundamente a realidade, aprendendo como é possível transformá-la. Não é estudar por estudar. É fazer do estudo uma parte de nossa estratégia de humanização das pessoas e de transformação do mundo. Por isto o MST tem o estudo como um dos seus princípios organizativos. Exatamente porque não é possível conduzir com seriedade a luta *por um Brasil sem latifúndio* sem se dedicar ao estudo do que estamos fazendo e do que está em questão neste nosso fazer.

Foi a valorização do estudo que fez crescer no Movimento a consciência da importância da escolarização do povo. Mas, infelizmente, nem sempre é esta a concepção de estudo que está presente nas escolas. Há muita gente que passa anos na escola e não estuda; só repete conteúdos inúteis.

Em nossos encontros de formação, em nossas aulas, o que estamos estudando? Que conteúdos têm sido trabalhados nos processos de alfabetização? As diferentes dimensões da vida de nossos educandos têm entrado em nossos programas de EJA? Estamos estudando sobre os desafios da nova concepção de assentamento que o MST vem discutindo? Estamos estudando sobre a necessidade de uma agricultura orgânica? Estamos trazendo as diversas práticas sociais do Movimento como conteúdo de nossas aulas? Que tipo de aprendizados nossos educandos estão conseguindo produzir a partir de nossa intencionalidade pedagógica e didática? O que de fato estão aprendendo a ler, contar, escrever? Nossas aulas estão ajudando a ampliar a visão de mundo de nossos educandos e a nossa

própria? Temos considerado que nossos educandos são sujeitos de práticas muito significativas e que não podem perder seu tempo com conteúdos imbecis e conversas inúteis?

5. *Aprender do passado para projetar o futuro.*

Foi assim que o Movimento se fez como é: aprendendo dos lutadores que vieram antes, cultivando a memória de sua própria caminhada. A história se faz assim: projetando o futuro a partir das lições do passado cultivadas no presente. *A terra guarda a raiz*, diz uma de nossas canções. A educação também deve *guardar raiz*, ajudando no cultivo da memória do povo e na formação da consciência histórica.

Como educadores, temos uma tarefa bem específica sobre isso. Nossos encontros podem ser tempo privilegiado para o aprendizado do cultivo da memória coletiva e do estudo da história mais ampla. Temos que saber que podemos fazer diferença para que não se apague a memória das dívidas com o povo que não foram pagas, das feridas que não foram cicatrizadas. Que nenhum assentado ou acampado do MST se esqueça de que tem a tarefa de ajudar, no presente e no futuro, a cicatrizar as feridas abertas de companheiros como Antonio Tavares, assassinado pelo governo Jaime Lerner do estado do Paraná no dia 2 de maio 2000 e de tantos outros mártires da luta dos trabalhadores. Se forem esquecidos, suas mortes terão sido em vão. Se isto acontecer seremos cúmplices deste crime.

Que nenhuma família Sem Terra se esqueça também de suas raízes camponesas, de sua cultura e de como estas raízes participam da formação do povo brasileiro. Que todos os Sem Terra saibam como chegaram à condição de trabalhador rural sem-terra, e de como possuem muitos outros irmãos no mundo inteiro em condição semelhante, também fazendo a luta pela terra e pela Reforma Agrária como nós. E que como educadores, sejamos capazes de aprender desta memória e de seu cultivo. Não para ficarmos presos ao passado, mas ao contrário, para colocá-lo em movimento e projetarmos o futuro que é melhor para todos.

6. *Um projeto educativo libertador é necessariamente coletivo.*

O MST é uma coletividade. E nela aprendemos que o coletivo é o grande sujeito da luta pela terra e nosso grande educador. Ninguém conquista a terra sozinho. As ocupações, os acampamentos, os assentamentos, são obras coletivas. É fazendo parte do coletivo que realiza estas obras que as pessoas se educam; não sozinhas, mas em relações sociais que potencializam o seu próprio ser pessoa, que é singular, único, mas que se manifesta na relação com outros seres humanos, igualmente singulares, únicos.

A Pedagogia do Movimento é uma obra coletiva. Vem sendo produzida e refletida pelo conjunto dos Sem Terra. Um educador que a tenha como referência jamais poderá trabalhar sozinho, por sua própria conta. Nenhum educador consegue ser educador conversando e refletindo só com ele mesmo. Somente coletivos

de educadores, em diálogo com coletivos de educandos, podem planejar e realizar práticas educativas coerentes com o projeto de formação humana do Movimento.

7. O educador educa pela sua conduta.

Muito mais do que pelas suas palavras. A força do MST não está nos seus discursos, mas sim nas ações e na postura dos Sem Terra que as realizam. São as práticas e a conduta do coletivo que educam as pessoas que fazem parte do Movimento ou com ele convivem.

É por isto que no MST temos como referência de educadores pessoas como Paulo Freire e Che Guevara. Eles não foram educadores apenas pelo que disseram ou escreveram; mas pelo testemunho de coerência entre o que pensaram, disseram e efetivamente fizeram e foram, como pessoas e como militantes das causas do povo.

Ser educador é, pois, um modo de ser. Um jeito de estar com o povo que seja mensagem viva dos valores, das convicções, dos sentimentos, da consciência que nos move e que dizemos defender em nossa organização. É ser todo comprometido, o que não é fácil. Somente um coletivo pode nos ajudar no processo de crítica e autocrítica, nas chamadas e nos afetos que nos mostram quando estamos vacilando, e ao mesmo tempo nos acolhem para retomar o caminho.

É importante observar o dia a dia do Movimento e refletir sobre que traços de conduta o coletivo espera de nós como educadores do povo Sem Terra, do povo brasileiro. Alguns traços de conduta, para olharmos em nosso próprio espelho, são os seguintes:

- *Militância*: o MST fica mais forte quando as pessoas realizam suas tarefas como militantes, ou seja, colocando-se a serviço da organização e de sua causa, politizando cada ação do seu cotidiano. Educadores precisam assumir-se como militantes, que fazem da tarefa de educação a sua militância principal no conjunto da organização.
- *Testemunho de valores e da capacidade de fazer*: os valores nos sustentam e nossa grande virtude é a capacidade de fazer, mesmo quando as condições objetivas são desfavoráveis. Educadores formados nesta pedagogia não têm medo de se lançar às práticas, construindo junto com o povo as condições de trabalho, e não esperando que as coisas venham prontas. E no próprio jeito de fazer e de organizar este fazer com os outros os educadores e as educadoras podem demonstrar os valores que pretendem ensinar.
- *Capacidade de trabalhar com as contradições e os conflitos*: na luta costumamos dizer que nada melhor para acelerar a formação da consciência do que as situações de conflito, de embate, porque elas escancaram as contradições que movem a realidade. No MST vivenciamos muitos momentos de conflito; não apenas com os adver-

sários da Reforma Agrária; também com nossos companheiros e conosco mesmos. Aprendemos daí que as pessoas se formam vivendo e refletindo sobre as contradições e os conflitos, e não fugindo deles. Como educadores do Movimento, então, precisamos saber que não é possível educar sem provocar conflitos, enfrentar contradições e nos capacitar cada vez mais para lidar com estas situações e torná-las educativas.

- *Competência nesta tarefa específica:* Se as ações de luta são mal feitas o MST se fragiliza. Por isto temos valorizado muito os tempos e espaços de capacitação dos militantes, especializando-os em determinadas tarefas. Para ser educador é preciso saber educar. Aprender a ter sensibilidade pedagógica, dominar conhecimentos e tecnologias, exercitar didáticas e métodos de aprendizagem e de ensino que valorizem o saber e as linguagens dos educandos. Se minha tarefa é alfabetizar jovens e adultos e não domino esta arte nem faço nada para chegar a dominá-la, estou traindo o coletivo que me delegou esta tarefa.

8. *As pessoas se educam nas atividades que realizam*

E nas relações sociais que constroem através destas atividades. A vida é atividade dizia Marx. O povo se educa nas ações, diz a prática do MST. A nossa capacidade de fazer gera a necessidade de refletir sobre as ações e seus próximos passos. É assim que o Movimento avança em suas estratégias de luta: faz a conjuntura e aprende a analisá-la desde o próprio movimento de suas ações. Por isto também é que no MST as pessoas escolhidas para cursos de formação são aquelas que já têm um certo tempo de prática dentro da organização. A lição é de que um curso que vem para qualificar práticas tem muito mais chances de não cair no vazio. Por isto também que nossa reflexão pedagógica defende a centralidade das práticas produtivas nos processos educativos e a combinação entre ensino e capacitação.³

Como educadores de jovens e adultos precisamos nos perguntar o que tem sido mais constante em nossos encontros ou aulas: as atividades ou os discursos? que atividades nossos educandos realizam? que produtos conseguem materializar seus aprendizados? E nos processos de alfabetização em letras e números, somos educadores do tipo que proporciona atividades de produção e leitura de textos e de solução de problemas da realidade, desde os primeiros encontros, ou vamos adiando estas atividades até que os educandos se cansem de não fazer o que vieram para fazer?

9. *Educar é mais do que alfabetizar e é preciso alfabetizar em diferentes linguagens.*

A trajetória de lutas do MST nos ensina que no Brasil temos um compromisso radical: alfabetizar todo o povo, massivamente, e na perspectiva de que as pesso-

³ Para aprofundar os desdobramentos práticos desta lição e de outras que estão neste texto é importante ler os Cadernos de Educação do MST, especialmente o n.º 8, *Princípios da educação no MST*, 1996, e o n.º 9, *Como fazemos a escola de educação fundamental*, 1999.

as se eduquem para ler a realidade do nosso país e reescrevê-la. Em nossa experiência com os Sem Terra aprendemos que agir com este compromisso traz duas lições importantes. A primeira é que não podemos reduzir a EJA aos processos iniciais de apropriação de códigos de linguagem, o que costuma ser chamado de alfabetização propriamente dita. O que queremos, afinal, é desencadear com os jovens e adultos de nossos acampamentos e assentamentos um movimento de educação que não pare mais. Ler o mundo, ler a realidade deste nosso país de misérias e riquezas, ler e expressar as diversas dimensões de nossa vida são parte de um processo educativo sem fim. E estas práticas podem continuar através da escolarização formal ou não; mas precisam de tempos e espaços específicos, e da intencionalidade pedagógica da nossa organização e de seus educadores.

A segunda lição da pedagogia do Movimento é de que existem diversas linguagens em que precisamos nos alfabetizar. A linguagem das letras e dos números escritos é fundamental no projeto histórico em que nos engajamos. Mas no próprio cotidiano do MST há outros códigos a serem decifrados e apropriados, sem os quais a identidade Sem Terra não se completa. Sem Terra alfabetizado é o que domina, por exemplo, a linguagem da *mística* e de sua pedagogia que combina símbolos, gestos, memória, sentimentos. É uma linguagem ética, estética, política. Outra linguagem própria dos Sem Terra é a da *organização coletiva*: dia a dia nos alfabetizamos nos códigos da organicidade do Movimento, aprendendo a participar dela. Outra ainda é a linguagem das tecnologias, que ajudam a qualificar as ações do Movimento, na produção, na comunicação, na educação. Nesta concepção, pois, não existe pessoa realmente analfabeta porque todas as pessoas dominam algum tipo de linguagem.

Como educadores, precisamos descobrir em que linguagens nossos educandos já estão alfabetizados (e podem inclusive nos alfabetizar), valorizar e potencializar a partilha destes aprendizados, e desafiar o coletivo para se apropriar de novas linguagens. Temos trabalhado assim em nossas aulas? em nossas escolas?

10. Mudar é difícil, mas é possível.

Esta frase foi escrita e repetida diversas vezes por Paulo Freire em seus últimos escritos, em 1997. Em um destes textos disse: *A matriz da esperança é a mesma da educabilidade do ser humano: o inacabamento de seu ser de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. Este processo é educação. Mas precisamente porque nos achamos submetidos a um sem-número de limitações – obstáculos difíceis de ser superados, influências dominantes de concepções fatalistas da História, o poder da ideologia neoliberal, cuja ética perversa se funda nas leis do mercado – nunca, talvez tenhamos tido mais necessidade de sublinhar, na prática educativa, o sentido da esperança do que hoje. Daí que, entre saberes vários fundamentais à prática de educadores e educadoras, não importa se progressistas ou conservadores, se sali-*

enta o seguinte: **mudar é difícil mas é possível.**

E sobre os Sem Terra, Paulo Freire disse, nesta mesma perspectiva, em outro texto: se tivessem acreditado nos discursos oficiais, *desistido das ocupações e voltado não para suas casas, mas para a negação de si mesmos, mais uma vez a reforma agrária seria arquivada. A eles e elas, sem-terra, a seu inconformismo, à sua determinação de ajudar a democratização deste país devemos mais do que às vezes podemos pensar. Fazem a marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível.*⁴ De fato, o MST não existiria, ou já teria acabado, se em suas ações não vivesse e refletisse sobre este aprendizado. No entanto é desafio permanente continuar educando cada pessoa nesta lição, que o próprio movimento da luta produz, mas que nem em todos consolida como jeito de ver e de estar no mundo; como jeito de construir suas novas comunidades, os assentamentos.

A lição se faz pergunta a nossa prática de educador: é este o princípio que tem movido nossa atuação como educador de jovens e adultos? temos exemplos concretos de situações de nossa prática educativa em que experimentamos que mudar é difícil mas é possível? é este o sentimento e a convicção que ajudamos a cultivar através do jeito que conduzimos nossa tarefa? conseguimos refletir, com nossos educandos, que transformações já conseguimos fazer em nossa realidade, em nossas vidas, e em que ainda precisamos mudar, queremos mudar?

E Paulo Freire mesmo talvez nos perguntasse assim: estamos ajudando a transformar *posturas rebeldes*, forjadas na luta pela terra e pela vida, em *posturas revolucionárias*, que são aquelas que nos engajam no processo radical de transformação do mundo?

Que nosso processo de formação, em movimento, nos ajude a responder tantas perguntas, a fazer muitas outras e a ser cada vez mais coerentes com lições de pedagogia que geram vida e dignidade para muitos; quem sabe um dia, para todos.

⁴ Freire, Paulo. *Pedagogia da Indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

Antes de continuar este esforço de extrair as lições de pedagogia da prática de formação humana do Movimento Sem Terra, gostaria de retomar, em forma de síntese, o fio condutor deste raciocínio que estamos trabalhando desde o primeiro texto "Lições de Pedagogia", escrito em 1999.

A obra educativa do MST tem três dimensões principais: (1^a) a recuperação da dignidade de milhares de famílias que voltam a ter raiz e projeto; dos pobres de tudo que aos poucos vão se tornando cidadãos: sujeitos de direitos, sujeitos que trabalham, estudam, produzem e participam de suas comunidades, afirmando em seus desafios cotidianos uma nova agenda de discussões para o país; (2^a) a construção de uma identidade coletiva, que vai além de cada pessoa, família, assentamento. A identidade de *Sem Terra* como nome próprio de *lutadores do povo*, não mais sujeitos a uma condição de falta: não ter terra, mas sim sujeitos da escolha de lutar por justiça social e dignidade para todos e que coloca cada Sem Terra, através de sua participação no MST, em um movimento bem maior do que ele; um movimento que tem a ver com o próprio reencontro da humanidade consigo mesma; (3^a) a construção de um projeto educativo das diferentes gerações da família Sem Terra que combina escolarização com preocupações mais amplas de formação humana e de capacitação de militantes.

Olhando para a história do MST nesta perspectiva, nos encontramos com algumas *lições de pedagogia*, ou de como os sujeitos de uma luta social e de uma coletividade em movimento se ocupam e se preocupam com educação. Estas lições podem nos ajudar a refletir sobre cada uma das nossas práticas de educação nas escolas. Aliás, nos permitem pensar como a escola entra neste Movimento e como pode ajudar a cultivar o ser humano que nele se produz.

Refletindo sobre estas lições passamos a compreender algo ainda mais profundo: o MST tem uma pedagogia, quer dizer, tem uma *práxis* de como se educam as pessoas, de como se faz a formação humana. A *Pedagogia do Movimento Sem Terra* é o jeito através do qual o Movimento vem, historicamente, formando o sujeito social de nome *Sem Terra*, e educando no dia a dia as pessoas que dele fazem parte.

A partir desta síntese, passamos a discutir com nossos educadores das escolas como fazer da Pedagogia do Movimento uma referência de nossa prática e de nossa reflexão. Ser educador do MST é conseguir compreender a dimensão educativa das ações do Movimento, fazendo delas um espelho para suas práticas de educação.² Trata-se de uma referência de olhar que ajuda a enxergar os limites e desafios destas práticas. Um espelho que também educa o nosso olhar para ver mais do que o MST, mais do que os Sem Terra. A Pedagogia do Movimento se produz no diálogo com outros educadores, outros educandos e outros movimentos pedagógicos. Foi exatamente na interlocução com educadores ou com pesso-

¹ Texto elaborado em novembro de 2000 para diálogo com professores da rede pública do município de Mauá, São Paulo.

² Trata-se de um espelho com dupla face: a do movimento da luta social e a do movimento do encontro e reencontro com a Terra. Terra e luta vistas também como matrizes de formação do ser humano. Esta é uma reflexão que ainda precisamos fazer com mais profundidade entre nós, educadores de ofício.

as e obras preocupadas com a formação humana, que conseguimos refletir sobre o MST como *sujeito pedagógico*. Desde esta nova síntese continuamos nosso diálogo com teorias e práticas da formação humana e uma reflexão específica sobre o ambiente educativo de nossas escolas.

Deste diálogo entre as práticas do Movimento e as reflexões sobre formação humana construídas ao longo da história da humanidade, um primeiro produto diz respeito à própria concepção de educação. Quando tratamos de práticas de humanização dos trabalhadores do campo como uma obra educativa, estamos na verdade recuperando um vínculo essencial para o trabalho em educação: *educar é humanizar. Não nascemos humanos, nos fazemos. Aprendemos a ser*. Em todos os tempos e lugares, *lutar pela humanização, fazer-nos humanos é a grande tarefa da humanidade*.³

O MST trabalha o tempo todo no limite entre humanização e desumanização; sua luta é de vida ou morte para milhares de pessoas, que fazem da sua participação neste Movimento uma ferramenta de reaprender a ser humano. Este é o dia a dia da educação dos Sem Terra em cada ocupação, em cada marcha, em cada acampamento, assentamento. E é este mesmo dia a dia que mostra que esta é uma tarefa possível e necessária; e que se é possível resgatar uma humanidade quase perdida, ajudar pessoas adultas ou já idosas neste reaprender a ser humano, tanto mais possível e necessário é ajudar nesta aprendizagem desde a infância.

A partir desta concepção de educação, há lições de pedagogia que temos conseguido extrair neste contraponto reflexivo entre o cotidiano do MST, as diversas teorias e práticas sobre formação humana e as preocupações de como fazer a educação dos Sem Terra. São estas lições que nos ajudam a pensar e a repensar também o currículo e o ambiente educativo de nossas escolas.

Algumas destas lições de pedagogia, que têm especial preocupação com a construção do projeto pedagógico das escolas de acampamentos e assentamentos, podem ser ditas assim:

1. *As pessoas se educam aprendendo a ser.*

Uma das coisas que costuma chamar a atenção nas ações do MST é o brio das pessoas que dele participam. Este brio, ou sentimento de dignidade se produz à medida que estas pessoas aprendem a *ser Sem Terra*, a ter orgulho deste nome. E ao assumir esta identidade social, coletiva: *somos Sem Terra, somos do MST*, as pessoas aos poucos vão descobrindo também outras dimensões de sua identidade pessoal e coletiva: sou mulher, sou negra, sou camponês, sou trabalhador, sou jovem, sou educadora. São novos sujeitos que se formam e que passam a exigir seu lugar no mundo, na história; sabem que podem e devem lutar pelo direito de ser humano, onde estiverem, com quem ou contra quem estiverem.

Isto nos remete a pensar que este é um aprendizado humano essencial: olhar no espelho do que somos e queremos ser; assumir identidades pessoais e coletivas, ter orgulho delas, ao mesmo tempo em que se desafiar no movimento de sua

³ Arroyo, Miguel G. *Ofício de mestre*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 53 e 240. Miguel traz para este diálogo sobre educação e humanização também um outro grande mestre: Paulo Freire.

permanente construção. Educar é ajudar a construir e a fortalecer identidades; desenhar rostos, formar sujeitos. E isto tem a ver com valores, modo de vida, memória, cultura. Os Sem Terrinha parecem já ter compreendido isto quando pedem aos seus professores que façam um esforço para compreender quem eles são, querem ser.⁴

2. *As pessoas se educam nas ações que realizam e nas obras que produzem.*

O MST forma os Sem Terra colocando-os em movimento, o que quer dizer, em ação permanente. É pela ação que vão aprendendo que *nada é impossível de mudar*, nem mesmo as pessoas, seu jeito, sua postura, seu modo de vida, seus valores. Vamos refletir sobre isso lembrando de uma ação pública forte em que o MST participou tempos atrás: a Marcha Popular pelo Brasil, que aconteceu entre julho e outubro de 1999. Foi uma ação forte porque provocou a construção de muitos significados, tanto para seus sujeitos diretos, como para o conjunto da sociedade, que fez dela um espelho para refletir sobre o tamanho de suas desigualdades e da ousadia de buscar rompê-las. Foi uma ação coletiva, mas de cada pessoa. Nenhum marchante podia se esconder atrás de discursos ou da força do coletivo; ou mantinha-se em caminhada, ou ficava para trás. E se muitos tivessem ficado para trás, não haveria a Marcha, ou ela não teria chegado ao seu destino. Quem participou da Marcha pôde se dar conta do que consegue e do que ainda não consegue fazer pelo Movimento, por si mesmo. Seu Luiz, o assentado de 92 anos que fez toda a caminhada, não falava muito; nem precisava. Ser o primeiro a levantar e estar com sua bandeira no ombro às 5 horas da manhã, pronto para puxar a frente da Marcha, dizia mais do que qualquer palavra. Não foram poucos os jovens militantes que sentiram vergonha de suas dores físicas e de seus vacilos de ânimo, diante da figura de seu Luiz. Ele foi durante esta Marcha a própria personificação do Movimento educador.

As pessoas se educam nas ações porque é o movimento das ações que vai conformando o jeito de ser humano. As ações produzem e são produzidas através de relações sociais: ou seja, elas põem em movimento um outro elemento pedagógico fundamental que é o convívio entre as pessoas, a interação efetiva que se realiza entre elas, mediada pelas ferramentas herdadas de quem já produziu outras ações antes (cultura); nestas relações as pessoas se expõem como são e ao mesmo tempo vão construindo e revisando suas identidades, seu jeito de ser. Não estamos falando de qualquer ação, ou do agir pelo agir, sem intencionalidade alguma. Estamos falando de ações que produzem obras (materiais ou espirituais) que se tornam espelho onde as pessoas podem olhar para o que são, ou ainda querem ser; e estamos falando principalmente do trabalho e da produção material de nossa existência. Não há verdadeira educação sem ações, sem trabalho e sem obras coletivas. E, nos lembram as crianças, também não há educação sem jogos e brincadeiras, que também podem ser constituídas como ações coletivas, produzindo obras.

⁴ "Pedimos a vocês (nossos professores) que façam um esforço e se interessem pela nossa luta, nossa história. Estudem mais e se informem mais, só assim poderão entender, valorizar e até admirar este Movimento que é tão importante para nós". Trecho de carta escrita por crianças de um assentamento do MST para seus professores, durante o 4º Encontro Estadual dos Sem Terrinha do RS em 12 de outubro 2000.

3. As pessoas se educam produzindo e reproduzindo cultura.

As ações dos Sem Terra são carregadas de significados culturais que eles aprendem a produzir e a expressar. Numa ocupação, numa marcha ou na organização de um assentamento, não aparece apenas o que estas famílias de trabalhadores são hoje, ou neste momento. Cada ação traz junto o jeito de ser humano que estas pessoas carregam; o *peso formador* das circunstâncias objetivas de toda sua existência anterior e o tipo de educação que receberam ou viveram. Ao mesmo tempo, sua ação coletiva também costuma ser a negação de algumas tradições que marcaram suas vidas até aqui e a projeção de valores que aprendem ou reaprendem no processo pedagógico do Movimento. Os gestos, os símbolos, a arte, o jeito de lutar dos Sem Terra encarnam um movimento cultural que nem começa nem termina no momento da ação. Cada sem-terra que entra no MST entra também num mundo já produzido de símbolos, gestos, exemplos humanos, valores, que a cada ação ele vai aprendendo a significar e ressignificar.

Um dos grandes desafios pedagógicos do MST com sua base social tem sido justamente o de ajudar as pessoas a fazer uma nova síntese cultural, que junte seu passado, presente e futuro numa nova e enraizada identidade coletiva e pessoal. *Viver como se luta, lutar como se vive*. Esta é uma coerência que tem sido vista como necessária aos objetivos de transformação social do Movimento; também em seus conflitos e desafios permanentes. Memória, mística, discussão de valores, crítica e autocrítica, estudo da história são algumas ferramentas culturais que o Movimento vem utilizando nesta construção.

Podemos refletir então que educar é também partilhar significados e *ferramentas de cultura*; ⁵ é ajudar as pessoas no aprendizado de *significar* ou *ressignificar* suas ações, de maneira a transformá-las em valores, comportamentos, convicções, costumes, gestos, símbolos, arte, ou seja, em um *modo de vida* escolhido e refletido pela coletividade de que fazem parte. Isto quer dizer, entre outras coisas, que educar as pessoas é ajudar a cultivar sua memória, é conhecer e reconhecer seus símbolos, gestos, palavras; é situá-las num universo cultural e histórico mais amplo, é trabalhar com diferentes linguagens, é organizar diferentes momentos e jeitos para que as pessoas reflitam sobre suas práticas, suas raízes, seu projeto, sua vida.

4. As pessoas se educam aprendendo a conhecer para resolver.

Nas ações de uma luta social também se aprendem e se produzem conhecimentos, eles são uma dimensão muito importante da estratégia de humanização das pessoas. Uma das lições de pedagogia que temos extraído do dia a dia do Movimento, é que o processo de produção do conhecimento que efetivamente ajuda na formação das pessoas é aquele que se vincula com as pequenas e grandes questões de sua vida. Quando um Sem Terra precisa conhecer cálculos de área para saber medir a área de terra onde será feita a agrovila de seu assentamento, ou quando precisa estudar geografia para melhor escolher o lugar da ocupação, certamente este conhecimento terá mais densidade humana e social para ele;

⁵ Expressão de Jerome Bruner retomada por Miguel Arroyo em sua obra já citada. Educar é transmitir às novas gerações a "caixa de ferramentas" da cultura, que permitirá a ela avançar mais rapidamente no aprendizado de ser humano.

quando um Sem Terrinha aprende a medir os materiais de que precisa para começar a construir seu parque de brinquedos, ou aprende a escrever cartas para pessoas de que gosta, da mesma forma. A expressão "conhecer é resolver", do educador cubano José Martí, nos remete a uma questão até mais radical: ela nos sugere que não há conhecimento verdadeiro fora das situações concretas, da solução de problemas da vida 'real'. E parece mesmo ser assim, especialmente quando esta questão se coloca no contexto de processos pedagógicos.

Educar é socializar conhecimentos e também ferramentas de como se produz conhecimentos que afetam a vida das pessoas, em suas diversas dimensões, de identidade e de universalidade. Conhecer para resolver significa entender o conhecimento como compreensão da realidade para transformá-la; compreensão da condição humana para torná-la mais plena. Uma lição bem antiga, que a Pedagogia do Movimento apenas recupera.

5. As pessoas se educam em coletividades.

O MST é uma coletividade. E nela os Sem Terra aprendem que o coletivo é o grande sujeito da luta pela terra e também o seu grande educador. A força de cada pessoa está em sua raiz, que é a sua participação numa coletividade com memória e projeto de futuro. É fazendo parte do coletivo e de suas obras que as pessoas se educam; não sozinhas, mas em relação umas com as outras, o que potencializa o seu próprio ser pessoa, singular, único.

As pessoas não aprendem a ser humanas sozinhas; sem os laços de sua participação em coletivos elas não conseguem avançar na sua condição plenamente humana. Pessoas desenraizadas são pessoas desumanizadas, que não se reconhecem em nenhum passado e nem têm projeto de futuro.

Educar é ajudar a enraizar as pessoas em coletividades fortes; é potencializar o convívio social, humano, na construção de identidades, de valores, de conhecimentos, de sentimentos. Um ambiente educativo é fundamentalmente uma coletividade educadora, acionada ou planejada pelos *educadores de ofício*, mas compartilhada por todos os seus membros. Numa coletividade verdadeira, todos são, em seu tempo, educadores e educandos, porque todos fazem parte do processo de aprender e reaprender a ser humano. Isto nos permite refletir sobre uma das tarefas fundamentais dos educadores, que é ajudar a organizar, dinamizar e fortalecer coletividades, seja de educandos, seja de educadores.

6. A escola concebida como uma oficina de formação humana.

Sujeitos não se formam somente na escola. Há outras vivências que produzem aprendizados até mais fortes. A Pedagogia do Movimento não cabe na escola porque o Movimento não cabe na escola, e porque a formação humana também não cabe nela. Mas a escola cabe no Movimento e em sua pedagogia; cabe tanto que historicamente o MST vem lutando tenazmente para que todos os Sem Terra tenham acesso a ela. A escola que cabe na Pedagogia do Movimento é

aquela que reassume sua tarefa de origem: participar do processo de formação humana. Muitas escolas de acampamentos e assentamentos de Sem Terra, ao ter que responder às questões colocadas de modo contundente pelos Sem Terrinha, têm reaprendido a olhar para seus educandos como sujeitos humanos que exigem respeito e cuidado.

Pensar na escola como uma *oficina de formação humana* quer dizer pensá-la como um lugar onde o processo educativo ou o processo de desenvolvimento humano acontece de modo intencionalmente planejado, conduzido e refletido para isso; processo que se orienta por um projeto de sociedade e de ser humano, se sustenta pela presença de pessoas com saberes próprios do ofício de educar, pela cooperação sincera entre todas as pessoas que ali estão para aprender e ensinar e pelo vínculo permanente com outras práticas sociais (seja para estar em sintonia ou em contradição com elas) que começaram e continuam esta tarefa.

A expressão também nos ajuda a repensar a lógica pedagógica ou o método pedagógico da escola. Estamos dizendo que escola não é apenas lugar de ensino, e que método de educação não é igual a método de ensino. É preciso planejar estratégias pedagógicas diversas, em vista dos diferentes aprendizados que compõem o complexo processo de formação humana.

Numa escola concebida como oficina de formação humana os educadores são os arquitetos, organizadores e animadores do *ambiente educativo*. Isto exige muita sensibilidade e domínio das artes da pedagogia para ir fazendo as escolhas a partir de uma clara percepção de como está se desenvolvendo o processo educativo em cada educando e na coletividade, como um todo; perceber as contradições e não se apavorar com elas: trabalhá-las pedagogicamente; dar-se conta de que dimensões precisam ser enfatizadas num momento ou noutro; que ações precisam ser provocadas e com que conteúdos, que relações devem ser mais trabalhadas. E, principalmente, ser humilde para se colocar também na condição de aprendiz do processo.

Projeto Político e Pedagógico das Escolas de Assentamentos e Acampamentos do MST

Elementos da construção ¹

Construir o Projeto Político e Pedagógico de uma Escola quer dizer fazer uma opção coletiva do caminho que ela irá seguir. Caminho político, no sentido de que posição assume em relação às lutas sociais mais amplas e ao tipo de humanidade que pretende ajudar a desenvolver; caminho pedagógico, no sentido da concepção de educação e de escola que passa a orientar o seu cotidiano.

E elaborar por escrito este projeto significa fazer um esforço organizado de antecipar na idéia a escola e o jeito de educar que estamos nos dispondo a construir, passo a passo, paciente e conscientemente em nosso dia a dia de educadores, educadoras, educandos e educandas. Colocar isto no papel representa um compromisso assumido e assinado coletivamente e que relembrará a cada pessoa, em cada momento, do caminho escolhido para seguir, da estratégia que é preciso aperfeiçoar, reconstruir, fazer acontecer.

Inicialmente gostaria de chamar a atenção para quatro grandes questões que precisamos responder na constituição do projeto político e pedagógico das escolas que desenvolvem seu trabalho de educação em acampamentos e assentamentos vinculados ao MST.

A primeira questão é sobre a *identidade da escola*: quem somos e quem queremos ser? Esta questão maior se desdobra em diversas perguntas que devem motivar momentos sérios de reflexão e de discussão entre todos os sujeitos envolvidos na escola: quem são os nossos educandos? quem somos nós, educadores desta escola? quem são as famílias que integram a comunidade deste acampamento ou deste assentamento? E toda a reflexão precisa desembocar numa posição ou numa tomada de decisão que é de fundo: somos Sem Terra? queremos ser Sem Terra? assumimos o vínculo com o MST? o projeto político e pedagógico de nossa escola será o projeto político e pedagógico do MST?

A segunda questão diz respeito ao *nosso projeto de formação humana*: que ser humano, que humanidade queremos ajudar a formar através de nosso trabalho pedagógico? Esta questão se desdobra em perguntas mais específicas de que também precisamos nos ocupar em nossas reflexões e debates em vista do projeto político e pedagógico: que dimensões da formação humana podem ser desenvolvidas numa escola? que dimensões a nossa escola pretende enfatizar em sua intencionalidade educativa?

A terceira questão diz da *nossa concepção de escola*: que práticas ou situações de aprendizado vão constituir o cotidiano pedagógico de nossa escola? Também com perguntas que se desdobram e precisam ser aprofundadas por todos os sujeitos, mas que precisam ser detalhadas especialmente pelo coletivo de educa-

¹ Texto elaborado em fevereiro de 2001 para acompanhamento do processo de construção do projeto político-pedagógico das escolas de acampamentos e assentamentos do MST RS.

dores: como vamos organizar os tempos e espaços educativos em nossa escola? como será organizada a nossa coletividade escolar? Como será o funcionamento cotidiano da escola? que aprendizados deverão ser enfatizados e de que forma? quais os principais conteúdos de ensino? como será feita a avaliação do processo de formação de cada educando e educanda, de cada educadora e educador?

A quarta questão diz do nosso *método pedagógico* ou do *método de atuação dos educadores*: como garantir o movimento pedagógico cotidiano em nossa escola? Desdobrada em perguntas que devem ocupar sistematicamente os tempos de reflexão da prática dos educadores e das educadoras da escola: que pedagogias precisam ser potencializadas em cada tempo e espaço educativo? como construir diariamente o ambiente educativo da escola? como fazer o acompanhamento pedagógico da coletividade e de cada pessoa? como garantir que o MST efetivamente faça parte deste movimento pedagógico que acontece na escola? quais serão os tempos e espaços de reflexão e de planejamento da atuação pedagógica dos educadores?

Um bom projeto é aquele que consegue amarrar e desdobrar de modo coerente a reflexão e a prática destas quatro questões.

Na continuidade deste texto vamos buscar desdobrar especialmente duas delas: a que trata de nosso projeto de formação humana e a que trata da concretização de nossa concepção de escola. Não se trata aqui de esgotá-las, mas apenas de trazer alguns elementos a mais para reflexão de nossos educadores e nossas educadoras.

A escola e o projeto de formação humana

Um dos elementos fundamentais a considerar na elaboração do projeto político e pedagógico de uma escola é o projeto de formação humana pelo qual seus sujeitos pretendem trabalhar.

Uma escola que assume o projeto político e pedagógico do MST é aquela que orienta sua intencionalidade pedagógica para a formação de seres humanos que se construam como sujeitos sociais e políticos dispostos à tarefa de transformar-se e humanizar-se enquanto transformam e humanizam o mundo em que vivem; sujeitos históricos que assumem a identidade de *lutadores do povo* e de *militantes de organizações e movimentos sociais* que visam construir uma existência social de dignidade, justiça e felicidade para todos.

Uma intencionalidade pedagógica voltada à formação humana exige muito mais do que intenções e discursos sobre o ser humano, a sociedade, a educação. Implica em um movimento permanente entre ação e reflexão, (um verdadeiro 'quebrar a cabeça' e 'sangrar o coração') de modo a construir nos pequenos detalhes do trabalho dos educadores e no jeito de funcionar da escola em seu dia a dia, situações onde efetivamente aconteçam os aprendizados de ser humano.

Dimensões fundamentais do trabalho educativo da escola

A pergunta que buscamos responder aqui é a seguinte: que dimensões de-

vem compor a intencionalidade da escola que se pretende um lugar de formação humana? Estas dimensões são os grandes conteúdos do processo educativo pensado como totalidade.

Vamos indicar a seguir algumas dimensões que temos discutido ao longo da trajetória de reflexão pedagógica do MST e que dizem respeito mais diretamente às escolas de educação fundamental.² Elas certamente não esgotam toda a complexidade do processo de formação humana e nem acontecem de forma estanque. Como se trata de um movimento educativo, sempre aparecerão dimensões novas ou exigências de maior ênfase em algumas delas, e necessariamente sua prática será entrelaçada. Estas dimensões são na verdade os parâmetros da escolha das práticas, da definição dos tempos e espaços educativos da escola e também das decisões sobre o processo de avaliação dos educandos e de nós mesmos.

E há ainda dois detalhes significativos nesta questão: (a) não existe uma hierarquia de importância entre as diversas dimensões: somente combinadas é que conseguem significar educação, humanização; (b) é preciso que o coletivo de educadores faça uma reflexão pedagógica específica sobre como adequar estas dimensões a cada faixa etária, de modo a se respeitar sempre o desenvolvimento humano dos educandos.

1. Formação de valores e educação da sensibilidade.

Valores têm ocupado pouco espaço na agenda pedagógica das escolas. Costumam fazer parte do chamado "currículo oculto", geralmente programado pelo formato das relações sociais e humanas hegemônicas na sociedade atual.

Numa escola pensada como lugar de formação humana os valores passam a ter lugar central. Valores são princípios e convicções de vida; aquilo pelo qual uma pessoa considera que *vale viver*. São valores que movem nossas práticas, nossa vida, nosso ser humano. São valores que produzem nas pessoas a necessidade de viver pela causa da liberdade e da justiça.

E a associação entre valores e educação da sensibilidade não é aqui arbitrária. Os sentimentos são a terra de cultivo dos valores. A sensibilidade diante do ser humano e de suas causas é ela própria um valor e um aprendizado que humaniza; e a formação de relações afetivas saudáveis entre as pessoas, também.

O MST espera de suas escolas que ajudem na educação da sensibilidade de seus educandos para a dimensão dos valores; que trabalhe as relações sociais e afetivas entre as pessoas nesta perspectiva que em seu dia a dia, educandos e educadores recuperem e cultivem valores humanos como a solidariedade, a lealdade, o companheirismo, o espírito de sacrifício pelo bem do coletivo, a liberdade, a sobriedade, a beleza, a disciplina, a indignação diante das injustiças sociais e das discriminações e preconceitos de todos os tipos, o compromisso com a vida, com a terra e com a identidade Sem Terra.³ Espera também um combate explícito aos contravalores capitalistas desumanizadores, em especial contra o individualismo, o egoísmo, o consumismo e a apatia social.

² Esta síntese tem por base a elaboração que está no Caderno de Educação n.º 8: *Princípios da Educação no MST*. MST, 1996; no Caderno de Educação n.º 9: *Como fazemos a escola de educação fundamental*. MST, 1995, e no livro *Pedagogia do Movimento Sem Terra*, 2ª ed., Vozes, 2000.

³ O primeiro número da Coleção *Pra soletrar a liberdade*, destinada aos educandos jovens e adultos do MST tem como título e conteúdo: *Nossos valores*. MST, junho 2000.

2. Cultivo da memória e aprendizado da história.

A escola pode *guardar a raiz* do Movimento, ajudando no cultivo da memória do povo e na formação de sua consciência histórica. Foi aprendendo do passado que o MST se fez como é: aprendendo dos lutadores que vieram antes, cultivando a memória de sua própria caminhada. A história se faz projetando o futuro a partir das lições do passado cultivadas no presente. E não há como se manter como um lutador do povo sem uma perspectiva histórica, o que requer dois aprendizados muito importantes: o primeiro, que geralmente os Sem Terra começam a aprender no acampamento, é de que sua vida também é história e que já estão sendo sujeitos da história; o segundo, de construção mais complexa e demorada, é passar a olhar para a realidade com uma perspectiva histórica. Enxergar cada ação ou situação em um movimento entre passado, presente e futuro e compreendê-las em suas relações com outras ações, outras situações, uma totalidade maior. É este olhar que nos ajuda a valorizar e ao mesmo tempo relativizar cada derrota ou cada vitória, mantendo o horizonte utópico como referência para continuar lutando.

O MST espera de suas escolas que ajudem a cultivar sua memória e que também se responsabilizem pela continuidade da formação da identidade Sem Terra, ajudando as novas gerações neste cultivo, e na sensibilização para este *jeito de ser humano* que o Movimento projeta. Também espera que as escolas encontrem métodos adequados de fazer o estudo da história, de modo que ele passe a ser uma necessidade e um prazer, e que o próprio dia a dia da escola seja uma oficina de fazer e aprender história.

3. Produção de Conhecimentos humanamente significativos.

O estudo é um dos princípios organizativos do MST; é exatamente o princípio que reforça a importância do conhecimento: quem não conhece a realidade não consegue participar como sujeito de sua transformação. Mas também nos indica que não se trata de qualquer conhecimento; nem do conhecimento pelo conhecimento. Precisamos da ciência que nos ajuda a diminuir a miséria humana (Brecht); que dê ao povo ferramentas de libertação da sua opressão (Paulo Freire); que seja um modo de resolver nossos problemas de ser humano (José Martí).

Foi especialmente esta valorização do estudo e do conhecimento que fez crescer no MST a consciência da importância da escolarização dos Sem Terra. Mas infelizmente nem sempre é este sentido de estudo que está presente nas escolas. Há muitas pessoas que passam anos na escola e não produzem conhecimentos; só ficam repetindo listas de conteúdos inúteis.

O MST espera de suas escolas que desenvolvam em seus educadores e educandos o valor da apropriação e produção séria de conhecimentos; que reconheçam e desenvolvam os diversos tipos de conhecimentos; que façam das questões da realidade (no sentido mais amplo possível deste termo) a base da produção destes conhecimentos; que usem como critério de escolha destas questões os seus significados no conjunto de aprendizados de que necessitam os educandos,

como seres humanos e como lutadores do povo em formação; e também o MST espera dos educadores que saibam construir, coletivamente, métodos de ensino que garantam o aprendizado não apenas dos conhecimentos em si mesmos, mas do modo de produzi-los, e um modo capaz de apreender a complexidade cada vez maior das questões da realidade (local, nacional, mundial, global...) em que vivemos.

4. *Formação para o trabalho.*

As pessoas se humanizam ou se deshumanizam, se educam ou se deseducam através do trabalho e das relações sociais que estabelecem entre si no processo de produção material de sua existência. É a dimensão da vida que mais profundamente marca o jeito de ser de cada pessoa. É a dimensão que nos identifica como ser humano, como cultura e como classe. Por isso não deve ficar fora da intencionalidade pedagógica dos educadores, em cada um dos espaços onde se projete formação humana.

No MST os Sem Terra se educam tentando construir um novo sentido para o trabalho do campo, novas relações de produção e de apropriação dos resultados do trabalho; uma experiência que começa já no acampamento e continua depois em cada assentamento conquistado. E uma experiência geralmente feita em família, no convívio pedagógico entre as diversas gerações.

O MST espera de suas escolas que se ocupem seriamente também desta dimensão, educando para o trabalho e pelo trabalho: que incluam as questões do mundo da produção como conteúdo de seus tempos e práticas; que desenvolvam conhecimentos, habilidades e posturas necessárias aos processos de trabalho que vêm sendo produzidos na luta pela Reforma Agrária; que cultivem o trabalho como um valor humano; e que façam da pedagogia do trabalho, combinada com a pedagogia da terra, um dos seus métodos de educar os seres humanos que estão sob seu cuidado.

5. *Formação organizativa.*

A organização é uma das chaves da existência do MST até hoje é uma das pedagogias que integra a Pedagogia do Movimento. É através da sua participação na organização do MST e da vivência na materialidade das relações sociais que constituem uma coletividade forte, que os Sem Terra voltam a ter raiz, ou seja, memória e projeto.

O sentir-se e o saber-se parte de uma coletividade, compreendendo que a força social e política das ações de uma pessoa está na força organizativa do seu coletivo, ao mesmo tempo que a força do coletivo está na atuação de cada pessoa, eis aí a base da formação do que chamamos de *consciência organizativa*. A partir daí a intencionalidade pedagógica do Movimento pode levar (ou pode consolidar) ao aprendizado mais profundo de uma postura diante da vida, do mundo diante de uma situação-problema é preciso organizar-se e agir reflexivamente para

resolvê-la; *na dúvida aja!* em vez de imobilismo, organização e ação. E se o problema for de privação de direitos humanos, a ação é de luta social.

O MST espera de suas escolas uma intencionalidade pedagógica específica nesta dimensão; que ajude nos aprendizados que permitem à pessoa ir mais além da constatação dos problemas e da postura crítica a uma determinada situação, chegando à proposição de soluções e à organização necessária para implementá-las. Estes aprendizados se relacionam à capacidade de análise das relações de interdependência que existem entre as diversas situações que compõem a realidade e que se materializam também nas relações entre as coisas, as ações, as pessoas. Para ajudar neste tipo de aprendizado, a escola precisa proporcionar aos seus educandos e educadores o envolvimento em ações organizadas, que tornem explícita a interdependência entre as partes, pela avaliação necessária dos resultados da atuação do coletivo e de cada pessoa.

6. Formação econômica.

Uma das dimensões da luta do MST é a inserção das famílias dos trabalhadores sem-terra em novos processos econômicos ou novas relações sociais de produção, distribuição e apropriação de bens e serviços necessários ao desenvolvimento humano, sem cair no desvio do economicismo, que é um subproduto do jeito capitalista de ver a economia.⁴ E o movimento de construção coletiva destes processos econômicos, que começa no acampamento e se aprofunda no desafio de viabilização dos assentamentos, é uma das pedagogias da formação dos Sem Terra, que ao mesmo tempo se produz como demanda de formação específica a ser trabalhada nas atividades de educação do Movimento. Trata-se do desafio pedagógico de desenvolver nos trabalhadores do campo a capacidade de compreensão e de inserção ativa em processos econômicos mais complexos e que exigem uma visão de sistema, ou seja, um raciocínio capaz de perceber relações e de ter visão de conjunto; também capaz de se antecipar aos problemas pela análise das implicações de médio e longo prazo de cada ação ou decisão a ser tomada.

Pelo menos desde Marx sabemos sobre o peso da vivência das relações econômicas na conformação do ser humano e no seu modo de ver o mundo. O que temos compreendido melhor através de nossas práticas de formação humana no MST, é como podemos intencionalizar a vivência de relações econômicas que acelerem o desenvolvimento da consciência necessária aos processos mais amplos de transformação social. E quanto mais complexas as relações vivenciadas pelas pessoas, mais complexos os aprendizados envolvidos, e o modo de construção de seu pensamento. Aprendizados que então não servirão apenas para a dimensão econômica, mas para o modo como as pessoas se relacionam com a vida e a sociedade.

O MST espera de suas escolas que ajudem na formação econômica de seus educadores e de seus educandos, propiciando sua participação reflexiva nos processos econômicos de sustentação da escola; também incluindo em seu planejamento pedagógico algumas práticas econômicas suficientemente complexas para

⁴ É preciso lembrar o significado originário da palavra economia: *oikos*, casa + *nomia*, cuidado, gestão. Cuidado ou gestão da casa, que pode ser a casa familiar, ou a casa assentamento, ou a casa Nação. Neste sentido, ter formação econômica quer dizer desenvolver aprendizados básicos para saber cuidar da nossa casa.

o avanço do nível atual de consciência da comunidade em que se insere, também que possam servir de contraponto à lógica economicista ainda forte entre nós.

7. Formação política e ideológica.

O MST tem um objetivo político bem definido: quer ajudar a construir um Brasil sem latifúndio. No formato estrutural do capitalismo brasileiro isto tem significado ser um movimento de luta social que se prepara para ser duradouro e fazer enfrentamentos fortes. Por isso mesmo a formação dos Sem Terra precisa reforçar ainda mais o que já é um aprendizado histórico da classe trabalhadora: a dimensão política e ideológica da educação de seres humanos.

O MST quer educar seres humanos que também sejam militantes da causa da transformação do mundo. E não se chega a ser, de fato, militante de uma organização com objetivos de transformação sem desenvolver *consciência política* e *firmeza* ideológica. Consciência política é o que nos exige participar das lutas sociais por um mundo melhor e que nos desafia a relacionar as ações do dia a dia com esta participação e com um projeto político que a sustenta e constrói. Firmeza ideológica quer dizer clareza e defesa intransigente dos interesses de classe e da organização, diante de qualquer situação ou embate. Juntas, misturam valores, convicções, sentimentos, identidade coletiva, com um conhecimento profundo da realidade em que se vive, suas relações e seu movimento histórico. E com uma atitude permanente de crítica e autocrítica, de abertura ao novo, sem sectarismos nem autoritarismos de nenhuma versão.

O MST espera de suas escolas que ajudem a politizar o cotidiano das comunidades Sem Terra e a trabalhar sua firmeza ideológica, para que consigam fazer de suas ações e questões do dia a dia, práticas que se somem na luta maior, no projeto maior. Temos um grande desafio de mais coerência entre o que aprendemos nas grandes lutas e o que fazemos nos detalhes cotidianos da produção, da educação, do relacionamento entre as pessoas, nas famílias, na relação com a natureza. Politizar o cotidiano quer dizer aprender a relacionar uma coisa com outra e em cada atividade realizar o projeto, a utopia em que afirmamos acreditar e que nos move.

A escola ajuda nesta formação quando seus sujeitos se ocupam seriamente do estudo científico da realidade social do país e do mundo; quando há uma intencionalidade no diálogo com a comunidade sobre estas relações e sobre nossa postura de classe; também quando se organiza a participação concreta de educadores e de educandos em ações que trabalhem a pertença à organização e à classe trabalhadora; e ainda quando há uma preocupação específica em tratar destes conteúdos de modo adequado à idade dos educandos, respeitando suas condições objetivas de entendimento e de desenvolvimento.

8. Formação para o lúdico.

Lúdico tem a ver com jogos, brincadeiras, divertimento, recreação, lazer. Um dos aprendizados de quem participa do MST é o de misturar a dureza da luta pela

terra e das condições de vida miserável que exigiram a entrada das pessoas nesta luta, com a capacidade de brincar, de se divertir, de olhar a vida de um jeito menos carrancudo, mais "esportivo". Aprender a celebrar, a conviver, a jogar, também diante das derrotas que a dinâmica da vida de Sem Terra nos impõe. Misturar mística, utopia e alegria de viver para tornar mais 'leve' a escolha de ser um lutador do povo, de *vida inteira*.

O MST busca humanizar as pessoas e isto quer dizer ajudar no seu desenvolvimento pleno. E isso inclui o aprendizado da brincadeira sadia, dos jogos cooperativos, da *agenda da gratuidade*, que é aquela das atividades desinteressadas, ou de puro prazer de viver e de conviver com outras pessoas, com outros seres da natureza, com as obras culturais.

O MST espera que suas escolas ajudem no aprendizado da dimensão do lúdico, construindo alternativas de lazer sadio principalmente para a infância, adolescência e juventude Sem Terra. Espera também o cultivo de uma postura diante da vida e das causas sociais assumidas que deixe lugar, em qualquer idade, para o exercício do brincar, somado ao grande e permanente exercício de *ser feliz*.

9. Cuidado com a terra e com a vida.

O MST entrou no novo século registrando num cartaz o que considera seus principais compromissos com a terra e com a vida:

- Amar e preservar a terra e os seres da natureza;
- aperfeiçoar sempre nossos conhecimentos sobre a natureza e a agricultura;
- produzir alimentos para eliminar a fome da humanidade e evitar a monocultura e o uso de agrotóxicos;
- preservar a mata existente e reflorestar novas áreas;
- cuidar das nascentes, rios, açudes e lagos e lutar contra a privatização da água;
- embelezar os assentamentos e comunidades, plantando flores, ervas medicinais, hortaliças e árvores;
- tratar adequadamente o lixo e combater qualquer prática de contaminação e agressão ao meio ambiente;
- praticar a solidariedade e revoltar-se contra qualquer injustiça, agressão e exploração contra a pessoa, a comunidade e a natureza;
- lutar contra o latifúndio para que todos possam ter terra, pão, estudo e liberdade;
- jamais vender a terra conquistada, ela é um bem supremo para as gerações futuras.

O MST espera de suas escolas que ajudem na formação da postura de seus educandos e educadores diante destes compromissos, buscando concretizá-los e aprofundá-los em seu cotidiano pedagógico. É preciso educar para a postura de *cuidado*, naquele sentido que nos explicou Leonardo Boff⁵: cuidar da terra, cuidar

⁵ Em seu livro *Saber cuidar ética do humano - compaixão pela terra*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.

das sementes que fecundam a terra, cuidar da nossa saúde, cuidar da vida em todas as suas formas, quer dizer mais do que uma tarefa; trata-se de uma atitude pessoal e coletiva de ocupação, de preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro ser que precisa de cuidado. Educandos e educadores precisam aprender isso juntos.

Práticas que podem constituir o cotidiano pedagógico da escola

No projeto pedagógico do MST a escola é um lugar de práticas. E o sábio planejamento pedagógico de uma escola é aquele que privilegia a organização de práticas que se constituam como situações de aprendizados diversos, capazes de dar conta da complexidade do processo de formação humana que pretendemos.

O critério para escolha das práticas é exatamente sua potencialidade pedagógica em relação às dimensões da formação humana apontadas. Não se trata de escolher uma prática para cada dimensão, o que seria simplista, redutor do processo educativo, sempre complexo. Trata-se de pensar em um conjunto de práticas entrelaçadas que podem mais facilmente garantir esta formação multidimensional pretendida. E esta não é uma escolha que pode ser feita de uma vez para sempre; este processo de escolha é ele mesmo um dos elementos fundamentais do movimento pedagógico da escola, que precisa estar em sintonia permanente com o movimento da realidade e do processo de formação de seus sujeitos.

Desde as experiências e reflexões de suas escolas, o MST considera que há alguns tipos de práticas especialmente importantes no cotidiano pedagógico escolar. Estas práticas acontecem dentro de tempos e espaços educativos diversos, organizados a cada dia ou semana e vivenciados pelos educandos e pelos educadores. Sua combinação geralmente implica em um tempo total maior de convívio de educandos e educadores na ou com a escola. Certas atividades podem acontecer fora do seu espaço físico, mas é importante que tenham o acompanhamento pedagógico de educadores.

1. Aulas.

Esta é a prática que costuma caracterizar de forma quase exclusiva o tempo de escola. Consideramos sua importância especial, mas não absoluta; tem maior valor pedagógico se combinada com outras práticas educativas, de onde pode extrair sua própria matéria-prima. As aulas são, na escola, o tempo específico para o estudo. Não acontecem somente dentro da sala de aula; podem acontecer como práticas entrelaçadas às demais e em atividades específicas de leitura (muita leitura de bons livros), passeios de observação, projetos de pesquisa, seminários de discussão, trabalho em grupos; também através das consagradas "aulas expositivas", feitas pelo professor, por representantes da comunidade ou através do estudo de bons textos.

Trata-se de um tempo que remete especialmente para as reflexões sobre métodos de ensino: temas geradores, objetos geradores, conteúdos vinculados às

dimensões da formação humana. Não nos parece que se trate de ter uma opção fechada. A questão central é encontrar alternativas metodológicas e didáticas que facilitem a construção dos conhecimentos humanamente significativos, geralmente mais complexos do que uma lista de conteúdos por matéria, e que provoquem as relações necessárias com as demais dimensões da formação humana.

Em nossa organização dos tempos escolares, as aulas são lugar específico de estudo, mas não podem ser vistas apenas como tempo de produção do conhecimento; porque também se produz conhecimento em outros tempos e porque há outras dimensões da formação que também ocupam e devem ocupar os educadores neste tempo.

2. *Oficinas.*

Estas são práticas que podem atravessar ou complementar o tempo das aulas. O importante é prestar a atenção em sua lógica pedagógica diversa. Oficinas são tempos e espaços voltados para a capacitação, ou seja, são atividades centradas no aprendizado de habilidades (aprender a fazer), construídas pela prática direta dos próprios educandos (fazendo), orientada ou monitorada por mestres daquelas habilidades em questão.

Em nossas escolas são atividades que ocupam de 30 minutos a duas horas do dia, não necessariamente todos os dias, e que geralmente envolvem habilidades ligadas à produção (agroindústrias diversas, plantio de mudas, embelezamento de espaços, construção de parques), à gestão (datilografia, informática, preenchimento de documentos), e às expressões culturais e artísticas diversas (oratória, canto, teatro, mística).

3. *Trabalho e produção.*

Tempos e espaços para a participação dos educandos e dos educadores na realização de tarefas ligadas ao funcionamento e manutenção material da escola; e, quando possível, na criação e execução de unidades de produção mais complexas, que possibilitem aprendizados também mais complexos no campo da formação organizativa e econômica, bem como na capacitação técnica em determinados tipos de trabalho.

Em algumas de nossas escolas isto quer dizer, por exemplo, que são as crianças as responsáveis pela construção e manutenção do parque de brinquedos da escola ou do acampamento, assentamento; em outras têm sido o cuidado com a horta; em outras ainda, é a criação de um grupo de teatro para fazer apresentações públicas que tragam apoio à luta pela Reforma Agrária; há também experiências onde os educandos, junto com os educadores, assumem o trabalho numa pequena agroindústria de doces para gerar renda extra para o coletivo. O tipo de trabalho e de processo produtivo depende das condições objetivas de cada local, da idade e experiências anteriores dos educandos envolvidos, e também da criatividade do conjunto da coletividade escolar.

4. *Gestão coletiva.*

Práticas ligadas à participação dos educadores e dos educandos na estrutura orgânica da escola, ajudando a tomar decisões, a administrar e comandar a execução das tarefas sob sua responsabilidade, a avaliar o desempenho de cada pessoa e do coletivo no conjunto dos tempos e espaços educativos da escola; também práticas de auto-organização dos educandos em vista de sua coletividade específica, para viabilizar suas iniciativas de turma ou grupo de educandos. Em termos de quantidade e caracterização dos tempos, depende muito do nível de participação dos educandos, de sua idade, das condições objetivas de cada escola e do envolvimento da comunidade. Envolve tempo específico de reuniões em grupos menores, plenárias de turma, assembléias da escola. Envolve também tempos conjuntos com a comunidade, que também participa destes processos de gestão.

5. *Atividades artísticas e lúdicas.*

Práticas que combinam desenvolvimento cultural e lúdico. Em nosso caso, geralmente misturando a pedagogia do símbolo, do gesto, da mística do Movimento, com o cultivo da necessária alegria de viver e de celebrar pequenas vitórias diante de conjunturas políticas desfavoráveis. São práticas, em sua maioria celebrativas, que podem acontecer permeando outras práticas, outros tempos, ou ter momentos específicos para que aconteçam. É comum nas escolas do MST que o dia comece com um momento de *mística*, onde se procura trazer presente a memória simbólica e a utopia que sustentam nosso Movimento, motivando educandos e educadores para as tarefas que vêm a seguir. Também é comum que durante as aulas seja dedicado tempo para canções ou outras expressões artísticas do grupo. Em tempo específico acontecem, geralmente a cada semana, as chamadas *noites ou tardes culturais*, onde os grupos de educandos e de educadores se esmeram em transformar suas vivências em arte e diversão. Há também as festas, passeios, torneios esportivos, que trazem a comunidade para a escola e ajudam a fortalecer as relações afetivas entre todos.

Um desafio pedagógico importante que estas práticas nos colocam é o de como integrá-las efetivamente no projeto educativo da escola (não vê-las como enfeites ou distração das tarefas sérias), mas sem tirá-las da *agenda de gratuidade*, em que o ser humano aprende, mas pelo prazer da ação e não pelo compromisso prévio de educar-se.

6. *Participação em ações do Movimento fora da escola.*

Exatamente porque já sabemos que não é apenas dentro da escola que se aprende, e que o Movimento tem sido nossa escola maior, a própria escola pode provocar e organizar a participação de educandos e educadores em ações do movimento da luta maior. Pode ser integrar diretamente algumas atividades de jornadas de lutas, participando de marchas, atos públicos, acampamentos; pode ser ajudar a organizar no próprio assentamento ou acampamento campanhas ou comemora-

ções promovidas pelo MST; ou fazer visitas de solidariedade em acampamentos ou em locais de pobreza das cidades; ou ainda participar de torneios esportivos ou gincanas da Reforma Agrária, que costumam envolver comunidades Sem Terra próximas. Depende do momento e da "conjuntura" de cada escola, de cada acampamento, de cada assentamento.

7. Sistematização das práticas.

Registrar e refletir sobre as demais práticas é também uma prática que ajuda a garantir a qualidade do processo pedagógico. Em algumas de nossas escolas isto quer dizer desde a organização de um tempo diário específico, chamado de "reflexão escrita", até o desafio de elaboração sistemática de textos sobre o cotidiano da escola e a realização de pesquisas que resgatem a memória e façam análises mais rigorosas do processo educativo vivido na escola, ou fora dela. Em todos os lugares, no entanto, o maior desafio é fazer desta prática um bom hábito dos educadores, de modo que a compreendam como parte de sua formação pedagógica.

Decálogo que trata de uma escolha, de uma identidade, de uma prática militante, de uma pedagogia, de uma profissão e de um sentimento profundo.

1. *Ser educador do Movimento Sem Terra é ser antes e sempre um EDUCANDO.*

Educando dos seus educandos; educando do Movimento. Educando que é um eterno aprendiz; aprendiz das lições da vida, da terra e do movimento da história. Educando que se assume como gente que sempre pode aprender a ser mais gente, ser humano mais pleno, mais feliz. Educando que aprende do passado para continuar aprendendo do futuro; que aprende dos que vivem e também dos que morrem por um mundo melhor. Educando que aprende a aprender sempre, e por isso consegue educar.

2. *Ser educador do Movimento é reconhecer-se como SEM TERRA.*

Sem Terra, assim, em maiúsculas e sem hífen, que é identidade de um sujeito humano e social em construção. Identidade de quem luta pela terra num país do latifúndio; de quem luta pela Reforma Agrária para ajudar a construir um país de justiça e de liberdade para todos; e de quem é reconhecido como um lutador do povo. Educador que quanto mais firme em sua própria identidade Sem Terra, mais consegue reconhecer esta identidade em seus educandos, sabendo ajudar a cada um deles neste aprendizado de ser.

3. *Ser educador do MST é ter o MOVIMENTO como referência.*

Movimento que é nossa referência política: somos parte de uma organização de trabalhadores do campo que precisa e ajuda a desenvolver nossa militância, nossa firmeza ideológica e nosso trabalho sério. Movimento que é nossa referência pedagógica: reconhecer no Movimento nosso educador maior; aprender as lições de pedagogia que sua história nos ensina; aprender a dimensão educativa de cada uma das ações do MST, fazendo delas espelho para nossa prática de educando e de educador.

4. *Ser educador do Movimento Sem Terra é saber-se um EDUCADOR DO POVO.*

Educador do povo oprimido, que se educa e se humaniza enquanto luta contra a desumanização e a favor de sua própria dignidade. É educador do povo quem, sendo também povo, constrói coletivamente uma pedagogia de libertação, formando o sujeito coletivo da transformação da realidade opressora, injusta, desumana.

5. *Ser educador do Movimento é ver os educandos como SERES HUMANOS.*

Seres humanos que estão se formando como pessoas, e também como sujeitos sociais que fazem a história e que podem esculpir ou destruir sobre a terra a magnífica obra humana. Ser educador é saber como formar os escultores, que não são alunos, mas educandos, aprendizes desta obra. É educador do MST aquele que sabe quem e como são seus educandos e do que cada um necessita para melhor desenvolver-se como ser humano e para formar-se como um militante das causas humanas.

6. *Ser educador do MST é ser EXEMPLO da prática de VALORES que libertam.*

Valores pelos quais se considera que vale viver ou que vale lutar até morrer. Valores que ajudam na humanização das pessoas e na construção de uma sociedade socialista. Educar para estes valores humanos é nosso dever; mas neste caso não há como educar sem ser exemplo vivo, sem mostrar na prática que é possível viver deste jeito novo, sem ter sentimentos e convicções fortes.

7. *Ser educador do Movimento Sem Terra é ESTUDAR MUITO.*

Estudar muito para saber o necessário das ciências que fundamentam a arte de educar. Não basta querer; é preciso saber ser educador; aprender como se educa, e aprender como se aprende, com abertura ao novo, muito espírito crítico e muita sensibilidade. Ser educador do MST é aprender a pesquisar para conhecer profundamente a realidade, avançando em consciência política e em capacidade de intervenção. É também entender de pedagogia; saber como acontece o desenvolvimento humano; saber cuidar de gente, conforme sua idade e identidade.

8. *Ser educador do Movimento é aprender a educar através de uma COLETIVIDADE.*

Coletividades de educadores e de educadoras, que em diálogo com coletividades de educandos e educandas conseguem desenvolver práticas educativas coerentes com o projeto de formação humana do Movimento. Um educador que tenha a Pedagogia do Movimento como referência jamais poderá trabalhar sozinho, por sua própria conta. Quem é educador do MST sabe que um projeto educativo libertador é necessariamente obra de uma coletividade educadora; por isso busca desenvolver em seus educandos e em si mesmo a consciência organizativa, que é a que permite a construção de uma coletividade verdadeira e forte.

9. *Ser educador do MST é saber construir o AMBIENTE EDUCATIVO.*

Ambiente educativo é pedagogia em movimento; é projeto de educação que se materializa em relações, em escolhas, em detalhes das práticas que compõem o cotidiano do MST. Um educador que sabe construir o ambiente educativo é aquele que se desafia a fazer de cada ação do Movimento uma prática de formação humana; e que já é capaz de distinguir as diferentes pedagogias que formam o

sujeito Sem Terra e de trabalhar com elas, a partir da análise que vai fazendo do processo pedagógico de que é parte.

10. *Ser educador do Movimento é fazer a ESCOLA DO POVO SEM TERRA.*

Uma escola que tem o rosto do Movimento, de seus sujeitos e de sua Pedagogia. Uma escola que tem um compromisso radical com a vida e onde se desenvolve o gosto e a alegria de viver; que inclui a luta, a terra, o trabalho, a organização coletiva, a cultura e a história como parte do seu coletivo de educadores. Uma escola onde se aprende a dialogar, não apenas como um faz-de-conta didático, mas como uma postura de comunhão de aprendizados. Uma escola em que educadores e educandos aprendem a transformar conhecimentos e conteúdos de ensino em ferramentas de humanização e de justiça social.

Ser educador do MST é saber fazer da escola um lugar de aprender, com jeito de povo, de utopia, de revolução.

Que cada um de nós pense e responda a si mesmo se já é um educador assim e se sua formação está neste caminho. E que se junte neste desafio a muitas outras pessoas, para chegar um dia a poder dizer com todas elas, e numa só voz:

Somos aprendizes e mestres da Pedagogia do Movimento! Somos os que ajudamos a devolver a humanidade que foi roubada do povo! Somos povo liberto!

**SOMOS EDUCADORES E EDUCADORAS DO MOVIMENTO
SEM TERRA!**

Porto Alegre, junho de 2001

Outras sugestões de leitura

Para os educadores e as educadoras que se desafiarem a aprofundar teoricamente as questões levantadas por este conjunto de textos, sugerimos algumas leituras bem importantes:

1. Arroyo, Miguel Gonzalez. *Ofício de Mestre*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2000.
2. Caldart, Roseli Salet. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2000.
3. Cerioli, Paulo Ricardo, osfs (org.) *Makarenko, vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, no prelo.
4. Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 14ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
5. Freire, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
6. Freire, Paulo. *Professora sim tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. 10ª ed., São Paulo: Olho D'Água, 2000.
7. MST. Princípios da educação no MST. *Caderno de Educação* n.º 8. São Paulo: MST, 1996.
8. MST. Como fazemos a escola de educação fundamental. *Caderno de Educação* n.º 9. São Paulo: MST, 1999.
9. Pistrak. *Fundamentos da escola do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
10. Vigotsky, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

LETIVIDADE

Coletividades de educadores e de educadoras, que em diálogo com os educandos e educandas conseguem desenvolver práticas educativas com o projeto de formação humana do Movimento. Um educador do Movimento como referência jamais poderá trabalhar sozinho, por própria conta. Quem é educador do MST sabe que um projeto educativo libertador é necessariamente obra de uma coletividade educadora, por isso busca desenvolver em seus educandos e em si mesmo a consciência organizativa, que é a que permite a construção de uma coletividade verdadeira e forte.

3. Ser educador do MST é saber construir o AMBIENTE EDUCATIVO

Ambiente educativo é pedagogia em movimento; é projeto de educação que se materializa em relações, em escolhas, em detalhes das práticas que compõem o cotidiano do MST. Um educador que sabe construir o ambiente educativo é aquele que se desafia a fazer de cada ação do Movimento uma prática de formação humana; e que já é capaz de distinguir as diferentes pedagogias que formam

**“Se não morre aquele que planta uma
Árvore ou Escreve um livro, menos ainda
Morre o educador que planta almas e
Escreve nos espíritos...”
Bertold Brecht**

